

# **INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

## **MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

### **VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DESVENDANDO AS DIFICULDADES NA REGULAÇÃO EMOCIONAL E OS ESTILOS DE COPING**

Trabalho submetido por  
**Daniela Alexandra Belo Nunes**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

**Julho de 2024**



# **INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ**

## **MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

### **VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DESVENDANDO AS DIFICULDADES NA REGULAÇÃO EMOCIONAL E OS ESTILOS DE COPING**

Trabalho submetido por  
**Daniela Alexandra Belo Nunes**  
para a obtenção do grau de **Mestre** em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho orientado por  
**Prof. Doutora Patrícia Andreia Gonçalves das Neves Rodrigues**

e coorientado por  
**Prof. Doutora Elisa Kern de Castro**

**Julho de 2024**



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a,  
Maria José Gamas Barata Gonçalves.

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucas se lembram disso”

(O Príncipezinho)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar quero agradecer aos jovens que aceitaram participar neste estudo, por me terem deixado entrar nas vossas casas e privar com cada um de vocês sem vocês é que não seria mesmo possível! De seguida quero agradecer às diretoras e psicólogas das instituições que abriram portas a receber-me, foi muito difícil conseguir as autorizações para a realização deste estudo, mas vocês tiveram a empatia e a visão de futuro necessárias, a investigação científica precisa de mais pessoas como vocês, o meu muito obrigada!

Em segundo lugar quero agradecer à professora Patrícia Gouveia, por todo o apoio ao longo do ano e por ter de organizar as ideias na minha cabeça vezes sem conta, espero que a Carminho me perdoe pelo tempo que lhe roubei. Quero agradecer também à professora Elisa Castro pela mentoria nas aulas de Seminário de Dissertação e por me fazer questionar as minhas ideias.

De seguida, quero agradecer à minha mãe por ter sido um grande apoio durante este ano exigente, e acompanhado os momentos menos bons, mesmo não percebendo nada daquilo que lhe dizia, mas percebendo sempre o quão cansativo parecia.

Quero também agradecer à professora Catarina Ramos por todo o apoio e pela coragem de carregar o peso deste Mestrado, sem dúvida que está a fazer um excelente trabalho.

Por fim, e como não poderia deixar de ser, quero agradecer à Raquel por ter sido a minha terceira orientadora e ler e reler esta dissertação quase tantas vezes como a sua, obrigada! Quero também agradecer à Beatriz por estes 5 anos especiais!

## Declaração de Honra

Código | IMP-EM-EI-111\_00

Declaro, por minha honra, que o presente trabalho académico é original e foi elaborado por mim própria, não se tendo recorrido a quaisquer outras fontes, para além das indicadas, usadas, adotadas literalmente ou adaptados a partir dos seus originais (em fontes impressas, não impressas ou na internet) e encontram-se adequados, identificados e citados, com observância das convenções do trabalho académico em vigor.

Mais declaro que esta Dissertação/Tese “Vinculação Institucional em Crianças e Adolescentes: Desvendando as Dificuldades na Regulação Emocional e os Estilos de Coping” não foi apresentada, para efeitos de avaliação, a qualquer outra entidade ou instituição, para além da diretamente envolvida na sua elaboração, e que os conteúdos das versões impressa e eletrónica são inteiramente coincidentes.

Declaro, igualmente, encontrar-me ciente de que a inclusão, neste texto, de qualquer falsa declaração terá consequências legais.

Data: 12/07/2024

## Declaração Conflito de Interesses (DCI)

Código | IMP-EM-EI-110\_00

Eu Daniela Alexandra Belo Nunes, referente a Dissertação/Tese “Vinculação Institucional em Crianças e Adolescentes: Desvendando as Dificuldades na Regulação Emocional e os Estilos de Coping” declaro que não possuo conflitos de interesse de ordem pessoal, comercial, académica, político ou financeiro.

Data: 12/07/2024

## Declaração de Financiamento

Código | IMP-EM-EI-113\_00

Eu Daniela Alexandra Belo Nunes, referente a Dissertação/Tese “Vinculação Institucional em Crianças e Adolescentes: Desvendando as Dificuldades na Regulação Emocional e os Estilos de Coping” declaro que o meu trabalho não se encontra financiado.

## Declaração de Ética e Registo

Código | IMP-EM-EI-112\_00

Eu Daniela Alexandra Belo Nunes, referente a Dissertação/Tese “Vinculação Institucional em Crianças e Adolescentes: Desvendando as Dificuldades na Regulação Emocional e os Estilos de Coping” declaro que o meu trabalho se encontra aprovado pela Comissão de ética EGAS MONIZ sob o número ou identificação de registo 1354.

Data: 27/02/2024

## Resumo

O estabelecimento de vínculos seguros entre crianças e adolescentes institucionalizadas e quem delas cuida na instituição apresenta-se como um fator importante para a sua regulação emocional e facilita o uso de estratégias de *coping* adaptativas. Considerando esta premissa, o estudo teve como objetivo de explorar a vinculação a uma figura de referência dentro da instituição de acolhimento e perceber a sua relação com fatores individuais, com a regulação emocional e com a frequência e a eficácia dos estilos de *coping* para fazer face a eventos stressantes. Participaram no estudo 60 crianças e adolescentes institucionalizados, com idades compreendidas entre os 8 e os 17 anos. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, ao Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA), à Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Adolescentes (EDRE-VA) e ao Schoolager's *coping* Strategies Inventory (SCSI). Os resultados evidenciaram que o tempo de institucionalização, as dificuldades na regulação emocional e os estilos de coping foram preditores de vinculação segura com a figura de vinculação de referência na instituição, no entanto apenas nas dimensões da vinculação da comunicação e alienação. Este estudo enfatiza o papel crucial das dimensões da vinculação nas dificuldades de regulação emocional e nas estratégias de *coping* observadas em crianças e adolescentes institucionalizados.

*Palavras-Chave: Institucionalização; Crianças/adolescentes; Vinculação segura; Regulação Emocional; Estilos de Coping; Fatores de Risco e Protetores*

## **Abstract**

The establishment of secure bonds between institutionalized children and adolescents and their caregivers within the institution is an important factor for their emotional regulation and facilitates the use of adaptive coping strategies. Based on this premise, the study aimed to explore the attachment to a reference figure within the residential care institution and to understand its relationship with individual factors, emotional regulation, and the frequency and effectiveness of coping styles in dealing with stressful events. Sixty institutionalized children and adolescents, aged between 8 and 17 years, participated in the study. The participants answered a sociodemographic questionnaire, the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA), the Difficulties in Emotion Regulation Scale – Adolescent Version (DERS-AV), and the Schoolager’s Coping Strategies Inventory (SCSI). The results showed that the length of institutionalization, difficulties in emotional regulation, and coping styles were predictors of secure attachment to the reference attachment figure in the institution, but only in the dimensions of communication and alienation attachment. This study emphasizes the crucial role of attachment dimensions in the emotional regulation difficulties and coping strategies observed in institutionalized children and adolescents.

*Keywords: Institutionalization; Children/adolescents; Secure Attachment; Emotional Regulation; Coping Styles; Risk and Protective Factors*

## Índice

Introdução Geral .....	6
Vinculação em crianças e adolescentes institucionalizados: Fatores de Risco e Protetores .....	7
Fatores individuais.....	11
Fatores relacionados com Dificuldades na Regulação Emocional .....	13
Fatores Relacionados com Estilos de Coping .....	15
Objetivo do estudo.....	17
Metodologia.....	18
Participantes .....	18
Instrumentos .....	18
Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares .....	18
Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA) .....	19
Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Adolescentes (EDRE-VA).....	19
Schoolager’s Coping Strategies Inventory (SCSI) .....	20
Procedimento .....	20
Análise dos dados .....	21
Resultados.....	22
Diferenças entre os fatores individuais e as dimensões da vinculação, a regulação emocional e o recurso a estratégias de <i> coping </i> adaptativas/desadaptativas .....	23
Efeito da idade .....	23
Comparação entre as Etapas do Desenvolvimento Infantil (infância vs início da adolescência vs final da adolescência) .....	24
Diferenças mediante o sexo da criança/adolescente.....	26
Diferenças mediante o motivo de institucionalização .....	27
Efeito mediante ter ou não irmãos institucionalizados.....	29
Preditores da qualidade da vinculação segura .....	30
Preditores das Dimensões da Vinculação .....	31
Confiança.....	31
Alienação .....	33
Discussão .....	35
Implicações para a Prática .....	38
Limitações e Sugestões para Estudos Futuros .....	40
Conclusão .....	41
Referências .....	43

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – <i>Estatísticas Descritivas</i> .....	22
Tabela 2 – <i>Correlações de Pearson: Efeito da Idade</i> .....	23
Tabela 3 – <i>Teste Multivariada Manova: Etapas do Desenvolvimento</i> .....	25
Tabela 4 – <i>Teste Multivariada Manova: Sexo</i> .....	26
Tabela 5 – <i>Teste Multivariada Manova: Motivo de Institucionalização</i> .....	28
Tabela 6 – <i>Teste Multivariada Manova: Irmãos Institucionalizados</i> .....	29
Tabela 7 – <i>Omnibus Teste dos Coeficientes (teste de chi-quadrado comparando a variância do seu modelo com variáveis independentes e o modelo nulo)</i> .....	30
Tabela 8 – <i>Regressão Logística: Qualidade da Vinculação Segura</i> .....	30
Tabela 9 – <i>Regressão Linear Múltipla: Dimensão da vinculação – Confiança</i> .....	31
Tabela 10 – <i>Regressão Linear Múltipla: Dimensão da vinculação – Comunicação</i> .....	33
Tabela 11 – <i>Regressão Linear Múltipla: Dimensão da vinculação – Alienação</i> .....	34

## **Índice de Anexos**

Anexo A – Consentimento Informado

Anexo B – Declaração de Autorização de Recolha e Tratamento de Dados

Anexo C – Protocolo dos Instrumentos

Anexo D – Autorização dos Autores para Utilização dos Instrumentos

Anexo E – Carta de Aprovação da Comissão de Ética EGAS MONIZ

## **Introdução Geral**

A qualidade dos cuidados parentais recebidos nos primeiros anos de vida, estabelece a base para o desenvolvimento saudável das crianças (Bowlby, 1981). A figura de vinculação tem potencial para funcionar como base segura (vinculação segura) para a criança, diminuindo o seu medo e/ou a ansiedade e impulsionando-a na exploração do mundo (Marques et al., 2021) influenciando as suas experiências emocionais e futura socialização e adaptação (Tant et al., 2023). Por seu turno, a vinculação insegura está associada a problemas de internalização e externalização de emoções, dificuldades na regulação emocional e dificuldades na relação com os pares. Entre outros problemas, esta alteração socio emocional pode afetar o desenvolvimento e o bem-estar da criança (Marques et al., 2021).

A teoria da Vinculação de Bowlby (1981), estabelece que as separações prolongadas da figura de referência podem provocar dificuldades emocionais. Entre outras, a predominância de sentimentos negativos, como a raiva, a retração emocional, a dificuldade em manter relações afetivas saudáveis com outras crianças e adultos, a indiferença em situações que necessitam de uma resposta emocional, o sentimento de infelicidade e a incapacidade de reação.

Neste sentido, as crianças institucionalizadas apresentam um risco acrescido ao desenvolvimento de problemas de comportamento, pela ruptura precoce dos laços com a figura de vinculação principal (Bowlby, 1981, 1984). Mas também, dificuldades no estabelecimento de novos vínculos, sejam eles com familiares ou com novas relações (Lemos et al., 2017; Teixeira & Rettore, 2017), tais como aquelas que são estabelecidas com os membros da instituição que as acolhem (Diniz et al., 2018).

A vinculação insegura tende a relacionar-se com o abandono, a punição, a negligência e a inversão de relações familiares que estas crianças e adolescentes possam ter experienciado (Pinhel et al., 2009). Assim, o estabelecimento de relações de vinculação seguras na instituição pode fazer a diferença na sua adaptação, quer na perceção do ambiente institucional, quer na capacidade de regulação emocional (Mota et al., 2023) e, na utilização de estilos de *coping* adaptativos, nomeadamente a procura de apoio (Rodrigues & Prebianchi, 2021).

## **Vinculação em crianças e adolescentes institucionalizados: Fatores de Risco e Protetores**

A Teoria da Vinculação de Bowlby é a teoria mais aceita e estudada acerca da natureza e da função dos laços que unem uma criança aos seus cuidadores (Duschinsky, 2020; Fearon & Roisman, 2017). Segundo Bowlby (1984), a figura de vinculação de referência escolhida pela criança depende de quem cuida dela e da composição da sua família. Este papel é geralmente desempenhado pela mãe, mas também pelo pai, pelos irmãos mais velhos e/ou pelos avós. É entre estas figuras que a criança elege a sua figura de vinculação principal, tornando as restantes figuras subsidiárias (Bowlby, 1984). As representações mentais que as crianças possuem referentes às suas figuras parentais são construídas com base nas interações no contexto familiar influenciando a sua forma de interpretar a realidade (Niec & Russ, 2002). Esta primeira relação afetiva tem bastante impacto no presente da criança, mas também no futuro, servindo de modelo para todas as suas relações (Cassidy, 2016). A construção de vínculos afetivos é muito importante para a formação psicossocial da criança, por isso é necessário que aconteça em todas as fases da vida e em todos os contextos da criança (dos Santos et al., 2021).

Os trabalhos de Bowlby (1984) tiveram como foco a relação do bebé com a figura materna. O autor afirma que a maioria dos bebés desenvolvem o vínculo com a figura materna nos primeiros 12 meses de vida, através de sistemas comportamentais (Bowlby, 1984). Estes sistemas comportamentais têm como função facilitar e manter a proximidade mãe-bebé e são definidos como comportamentos que resultam na procura e manutenção da proximidade e interação, e com função adaptativa na sobrevivência. Estes podem implicar aproximar-se, seguir, manter-se perto, tocar, vocalizar, fazer contacto visual, entre outros (Bowlby, 1958, 1969). Por volta dos três anos esse comportamento diminui em necessidade e em frequência. A vinculação surge da necessidade de proteção contra possíveis ameaças e, embora essa necessidade vá diminuindo, nunca desaparece, persistindo durante toda a vida (Bowlby, 1984).

Com o passar dos anos, a necessidade do contacto físico com a figura materna vai diminuindo, pois, o mundo torna-se menos ameaçador e vão-se criando outras formas de contacto, tais como o recurso a fotografias, a cartas ou a conversas telefónicas (Bowlby, 1984). A vinculação aos pais pode mediar a resolução de desafios propícios da adolescência, potencializando a autoestima e a criação de novas relações de vinculação (Machado & Oliveira, 2007; Rocha et al., 2011). Assim sendo, durante a adolescência a

vinculação aos pais sofre uma mudança nas figuras para quem o comportamento é dirigido. Isto significa que outras pessoas podem assumir um papel de destaque nas suas vidas (Bowlby, 1984). Apesar disso, a disponibilidade e o apoio dos pais nesta fase, constitui uma base sólida para explorar as novas relações (Allen & Land, 1999). Os estudos mais recentes têm chamado a atenção para a importância da vinculação e do seu papel no ajustamento emocional, nesta fase do desenvolvimento (Domingos et al., 2018). Parrigon e colaboradores (2015), concluíram, após uma revisão de literatura, que os adolescentes que apresentam padrões de vinculação segura, possuem uma maior consciência emocional e utilizam estilos de *coping* eficazes (Parrigon et al., 2015).

Ainda no âmbito da vinculação, é conferido um papel de relevo à comunicação, ou seja, à capacidade de comunicar de forma eficaz com a figura de vinculação principal (Alcarão, 2006). No estudo de Machado e Fonseca (2009), os jovens com índices mais elevados de perceção da comunicação eficaz com os pais, referem maior satisfação com a vida (Machado & Fonseca, 2009), importante recurso para a exploração de novos contextos sociais (Duchesne & Larose 2007; Machado & Fonseca, 2009) e na utilização de estratégias de *coping* do tipo ativo (Costa & Mota, 2012).

As crianças e adolescentes institucionalizados têm de lidar com a quebra do vínculo afetivo com a família de origem (Diniz et al., 2018). Segundo o Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (2022), o acolhimento de crianças e jovens em Portugal tem vindo a evoluir positivamente nos últimos 16 anos, mantendo-se a tendência de decréscimo do número de crianças e jovens no sistema. A 1 de novembro de 2022 existiam 6.347 crianças e jovens institucionalizados em Portugal, com prevalência do sexo masculino e da faixa-etária dos 15-17 anos.

Os principais motivos para a institucionalização de crianças e jovens em 2022 foram: *mau trato físico* (585 crianças e jovens); *mau trato psicológico* (1.559 crianças e jovens), como a exposição a violência doméstica, rejeição ativa, exercício abusivo da autoridade, depreciação humilhação, ameaça; *ignorar* (forma ativa), na forma de privação social, de corrupção; *violência sexual* (392 crianças e jovens), nomeadamente exposição verbal/física a linguagem e/ou comportamentos de cariz sexual, violação, aliciamento sexual, pornografia infantil, prostituição infantil; *negligência* (9.739 crianças e jovens), como a falta de supervisão e acompanhamento familiar ao nível da educação, da saúde, da exposição a modelos parentais desviantes face ao comportamento de risco da criança/jovem; *outras situações de perigo* (1.698 crianças e jovens), nomeadamente a

ausência temporária de suporte familiar, comportamento desviante, abandono, orfandade, mendicidade, prática qualificada, como crime por menor de 12 anos, suspeita /vítima de tráfico de ser humano, exploração trabalho infantil, bullying, crianças separadas, etc. Importa referir que as crianças ou jovens podem ter sofrido mais do que uma situação de perigo. Assim sendo, é possível verificar que as situações de perigo que conduzem a estes acolhimentos, surgem dos vários tipos de negligência, com 71,5%, por falta de supervisão e acompanhamento familiar, seguida do mau-trato psicológico, com 16,2% destacando a exposição a violência doméstica com 10,3% (CASA, 2022).

Os serviços de acolhimento constituem-se espaços de proteção e possuem um papel de relevo na assistência às necessidades básicas dos acolhidos, bem como na promoção da sua qualidade de vida (Julião, 2020). Em 2022 foi ainda possível conhecer a opinião das crianças/jovens institucionalizados. As perceções mais positivas referiam-se ao acesso aos cuidados de saúde, receberem semanada/mesada e sentirem que podem confiar nos adultos da instituição, ao serem ouvidos por estes. As perceções negativas prendiam-se com a falta de privacidade e com o facto de as regras não serem pensadas e discutidas com eles (CASA, 2022). Segundo Silva e colaboradores (2021), as instituições podem diminuir os fatores de risco vivenciados previamente por estas crianças e adolescentes, pois são consideradas fontes de apoio quando possuem as condições adequadas. Neste sentido, é de extrema importância o investimento nestes espaços, assegurando a individualidade e procurando ações que visem a melhoria estrutural e material, mas também a capacitação dos seus funcionários na estimulação do desenvolvimento infantil (Silva et al., 2021).

Embora a institucionalização seja uma medida de proteção temporária, a realidade é que muitas destas crianças e adolescentes acabam por permanecer durante vários anos institucionalizados, mantendo ou não contacto com os seus familiares (Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Para lá da gestão emocional face à quebra do vínculo afetivo com a família de origem, estas crianças e adolescentes têm de gerir a nova realidade, nomeadamente, as rotinas e as regras da instituição, a rotatividade de funcionários, as mudanças de escola e de redes de apoio, entre outros (Diniz et al., 2018).

São diversos os fatores de risco apontados na literatura acerca da institucionalização (e.g., dificuldades na regulação emocional, falta de consciência emocional, vinculação desorganizada e insegura, dificuldade no estabelecimento de laços afetivos, utilizar estilos de coping mal-adaptativos) (Bakermans-Kranenburg et al., 2011; Carr et al., 2018; Costa

et al., 2022; El-Aziz et al., 2017; Gaskell, 2010; Kim & Cicchetti, 2010; Lionetti et al., 2015; Van IJzendoorn et al., 2011). Contudo, é difícil indicar se estes resultados são consequência da institucionalização ou das experiências de ruptura de vínculos anteriores à institucionalização (Diniz et al., 2018; Guerra & Prette, 2020; Marques et al., 2021). A literatura aponta que os relacionamentos entre as crianças e os seus cuidadores dentro da instituição de acolhimento, pode mudar os estilos de vinculação anteriores (Hamilton-Giachritsis & Garcia, 2016). É necessário que estas crianças/adolescentes estabeleçam relações seguras com os cuidadores de referência para uma melhor integração das experiências relacionais adversas anteriores (i.e., motivo de institucionalização) (Costa et al., 2022).

A análise da relação entre a institucionalização e a vinculação a uma figura de referência institucional e numa perspetiva positiva é menos estudada. Esta preconiza que o ambiente de acolhimento pode ser entendido como fator protetor e preditor de boa regulação emocional, de um ajustamento positivo à institucionalização e de bem-estar (Assouline & Attar-Schwartz, 2020; Erol et al., 2010; Marques & Stankjevicz, 2023; Oruzar et al., 2019). Isto acontece quando o ambiente de acolhimento é percebido como seguro, acolhedor e um espaço onde a criança e o adolescente se sentem compreendidos pelos seus cuidadores, podendo minimizar a sua dor, angústias e medos (Marques & Stankjevicz, 2023; Zegers, 2007). Assim, a investigação nesta área sugere que, para além de assegurarem as necessidades primárias destas crianças e adolescentes (e.g., higiene, alimentação, segurança, entre outros), os profissionais nestas instituições de acolhimento devem ser referências significativas para os menores, independentemente do cargo que desempenham (Hueche et al., 2019).

Os estudos de Mota e colaboradores (2023) e Costa e colaboradores (2022), analisaram o papel preditivo da vinculação dos adolescentes a figuras significativas no ambiente institucional. Os autores testaram o efeito moderador das dificuldades de regulação emocional e verificaram que a adaptação à instituição poderá estar associada a características emocionais, como a regulação emocional das crianças/adolescentes. O estudo conclui que a criação de vínculos institucionais seguros (atitude de apoio, atenção e proximidade), nomeadamente com os cuidadores, potencializa processos adaptativos (e.g. estratégias de regulação emocional adaptativas), quando estes estão conscientes das características (Costa et al., 2022; Mota et al., 2023). Porém, a criação de um vínculo com

o cuidador é pouco encorajada, de modo a proteger a criança da dor de outras possíveis separações (Hamilton-Giachritsis & Garcia, 2016).

O cuidado a crianças e jovens institucionalizados acarreta uma série de exigências ao cuidador, nomeadamente suprir as suas necessidades físicas, psicológicas, emocionais e educacionais. Neste contexto, estabelecem-se vínculos e por vezes o sentimento maternal, uma vez que quem cuida se vê num papel de responsabilidade perante estas crianças e jovens (Gabatz et al., 2019). No estudo de Silva e colaboradores (2020), foi realizada uma entrevista semiestruturada com nove cuidadoras. Os resultados foram indicativos de que as afetos presentes nas interações com os cuidadores auxiliam a criança institucionalizada a enfrentar o acolhimento sendo muito importantes para o desenvolvimento de competências emocionais e para o seu desenvolvimento (Silva et al., 2020).

A construção de relações seguras com os cuidadores dentro da instituição, são muito importantes para a satisfação dos jovens com o ambiente (Mota et al., 2024). A institucionalização e a perda da figura de vinculação de referência são experiências muito dolorosas para o ser humano, podendo causar sofrimento (Bowlby, 1985). Afastar uma criança do seu meio familiar, é um acontecimento que gera sofrimento (Bowlby, 1981). A literatura na área chama a atenção para o papel do cuidador na diminuição do impacto da institucionalização (dos Santos et al., 2021). Assim, a presença de figuras de vinculação significativas dentro da instituição de acolhimento, poderá ajudar as crianças a lidarem e a recuperarem do trauma e do stress gerado pela separação (Tereno & Matos, 2017). Cabe às instituições de acolhimento, garantir a estas crianças e adolescentes um contexto protetor e favorável para amenizar, reduzir e superar os problemas causados pelas experiências familiares anteriores (Palacios et al., 2013).

De seguida apresenta-se a análise dos preditores individuais, relacionados com a regulação emocional e com as formas de enfrentamento de situações stressantes (estilos de *coping*).

### ***Fatores individuais***

As fases do desenvolvimento infantil podem influenciar a seleção das estratégias de *coping* utilizadas face a um evento stressor (Skinner & Zimmer-Gembeck, 2016). (Fases do desenvolvimento). Por outro lado, a adolescência é uma fase muito importante do desenvolvimento, considerada um momento de transição que acarreta muitas mudanças

(Vygotski, 2006). Esta fase, é marcada por desafios emocionais (Cole & Hollenstein, 2018), sendo esperadas dificuldades ao nível da regulação emocional (Hollenstein & Lougheed, 2013).

No que concerne às diferenças de género na vinculação, não existe consenso na literatura (Domingos et al., 2018). Segundo Del Giudice (2018), as diferenças observáveis ao nível dos padrões de vinculação, não se encontram relacionados com o sexo do indivíduo na infância, uma vez que, as ameaças à sua saúde e sobrevivência são as mesmas, necessitando assim, do mesmo investimento dos cuidadores (Del Giudice, 2018). No entanto, outros estudos encontraram diferenças entre o sexo e as estratégias de *coping* e entre o sexo e o estabelecimento de um vínculo seguro dentro da instituição, apontando para um maior investimento relacional no sexo feminino, enquanto o sexo masculino utiliza mais estratégias de evitamento (Eschenbeck et al., 2007; Rudolph & Hummen, 1999). No estudo de Dell'Aglio e Hutz (2002) e Costa & Mota (2012), não foram encontradas diferenças entre os géneros no que respeita às estratégias de *coping* utilizadas por estes (Costa & Mota, 2012; Dell'Aglio & Hutz, 2002).

Relativamente ao motivo de institucionalização, a literatura indica que a exposição a um ambiente marcado por violência intrafamiliar (física, psicológica, sexual e negligência) e a falta de rede de apoio, poderão desencadear dificuldades no controlo dos impulsos, auto e heteroagressividade, sofrimento psíquico, bem como comportamento suicida (Scivoletto et al., 2010). A organização *Safeguarding Children Partnership Board* (2019), refere que jovens institucionalizados por maus-tratos (independentemente do tipo), poderão apresentar problemas emocionais, nomeadamente, falta de capacidade para lidar com emoções intensas, labilidade emocional e mudanças repentinas de humor. Estes problemas poderão originar carência de objetivos e de estratégias para os atingir, na vida adulta (Knowles, 2019). O que poderá justificar o facto de a maioria dos adolescentes institucionalizados relatar preocupação com o futuro (El-Aziz et al., 2017).

A presença de irmãos institucionalizados é um fator de proteção mencionado na literatura. Estas crianças, mas também os jovens, apresentam menores dificuldades na regulação emocional quando há irmãos na instituição pois eles constituem-se uma fonte de estabilidade emocional (Mota et al., 2023), favorecendo uma adaptação positiva na instituição (Abrunhosa et al., 2024).

No que concerne ao tempo de acolhimento institucional, existem estudos que afirmam que o tempo de acolhimento é um fator que promove o aumento do sofrimento psíquico (Fermino & Lima, 2023), que dificulta a criação e manutenção de novos vínculos afetivos na idade adulta (Silva, 2004) e que pode trazer prejuízos, especialmente quanto à percepção de proximidade na rede de apoio (Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Por outro, a instituição pode proporcionar experiências de vida positivas, e o aumento do tempo de institucionalização, pode favorecer a diminuição do número de sinais de dificuldades emocionais (Pasian & Jacquemin, 1999). O aumento do tempo de institucionalização tende a diminuir o stress vivenciado por estas crianças e adolescentes (Rodrigues & Prebianchi, 2021).

### ***Fatores relacionados com Dificuldades na Regulação Emocional***

Define-se por regulação emocional o conjunto de processos que permite experienciar e expressar emoções (Gross, 1999). O conceito tem despertado interesse pela importância que adquire nas trajetórias de desenvolvimento sócio emocional e adaptativo das crianças (Pinto et al., 2014; Shipman et al., 2007). Segundo Duckworth e colaboradores (2016), a regulação emocional (RE) orienta-se por um esquema de 5 passos. O primeiro *Situation Selection*, refere-se ao ato de abordar ou evitar certa pessoa ou situação com base no impacto emocional que causa à pessoa. Uma vez que a pessoa está envolvida numa situação que provoca emoções pode-se dar o segundo, *Situation Modification*. Aqui importa, como mudar de ambiente para alterar o impacto emocional. Contudo, é possível regular as emoções sem mudar o ambiente. O terceiro, *Attentional Deployment* refere-se a como as pessoas direcionam a sua atenção para uma determinada situação para influenciar as suas emoções. Isto inclui estratégias de atenção como distração, dispersar a atenção da situação e ruminação, que foca a atenção na situação e nas implicações emocionais. Mesmo depois de uma situação ter sido selecionada, modificada e atendida seletivamente, é possível alterar o seu impacto emocional. O quarto passo, *Cognitive Change* diz respeito à avaliação da situação com o objetivo de alterar a significância emocional inerente. Este processo pode-se dar através da alteração da maneira de pensar sobre a situação ou pela capacidade de gerir as exigências que a situação apresenta. Por fim, o último passo, *Response modulation* refere-se a influenciar as tendências de resposta emocional assim que estas surgem (Duckworth et al., 2016). Caso o sujeito falhe um destes passos, podem ocorrer diferentes consequências, nomeadamente, a não aceitação

de respostas emocionais, dificuldades no envolvimento em comportamentos dirigidos a objetivos, dificuldades no controlo dos impulsos, falta de consciência emocional, bem como acesso limitado à regulação emocional e falta de clareza emocional (Gratz & Roemer, 2004).

A literatura tem demonstrado que as estratégias de regulação das emoções estão associadas à qualidade das relações de vinculação (Cohn, 1990; George & Solomon, 1989; Matas et al., 1978; Shaver & Mikulincer, 2002). Aspinwall (2001), afirmou que em momentos de stresse, geradores de emoções intensas, os indivíduos tendem a procurar apoio social (Aspinwall, 2001). As crianças aprendem a regular as suas emoções através das estratégias regulatórias dos cuidadores, com implicações para o seu bem-estar, dependendo da regulação se evidenciar adaptativa ou mal adaptativa (Rutherford et al., 2015). Para apoiar de modo mais eficaz vinculação das crianças, as instituições devem empenhar esforços para fornecer formação e apoio psicológico aos cuidadores (Mota et al., 2023). Os comportamentos de evitamento em direção à figura de vinculação de referência, poderão promover dificuldades nos estados emocionais. Assim sendo, o desenvolvimento de relacionamentos seguros, pode constituir um fator protetor, nomeadamente de regulação emocional adaptativa (Costa et al., 2020; Mota et al., 2024).

A institucionalização pretende melhor o nível emocional, comportamental e social, tentando minimizar os efeitos dos maus-tratos e abusos a que foram sujeitas as crianças e jovens (Marques et al., 2021; Matos et al., 2015). A existência de um cuidador de referência parece estar associada a melhores resultados no domínio sócio emocional. Por isso, a monitorização das experiências de vinculação destas crianças deve ser uma prioridade, atribuindo cada criança a um cuidador de referência, que responda às necessidades afetivas, emocionais e pessoais em momentos de aflição, solidão, e em momentos críticos. (Machado, 2011; Marques et al., 2021).

Parra e colaboradores (2019) enfatizam a importância do vínculo no jovem institucionalizado para minimizar os efeitos do afastamento familiar, das situações traumáticas e também da própria institucionalização. O vínculo e a qualidade da instituição ao nível do serviço prestado podem ser o melhor fator de proteção para estes jovens, sendo através deste vínculo que estes, poderão construir uma nova visão de si e principalmente do outro. A qualidade do ambiente institucional depende da organização da rotina de cuidados e das normas da instituição; do número de cuidadores que se ocupam de cada criança; das características emocionais e das vivências infantis do próprio

cuidador, bem como o apoio psicológico aos cuidadores que se ocupam diretamente das crianças; da história de vida de cada criança; a sua idade e, o motivo da institucionalização (Ramalhais et al., 2020).

No entanto, enfatiza-se também a importância das estratégias de *coping* utilizadas pela criança após um evento stressor e não no evento em si (e.g., abandono, afastamento familiar, maus-tratos, negligência) (Parra et al., 2019). A literatura nesta área é consistente na afirmação de que os padrões precoces de regulação emocional irão estabelecer o tipo de estratégias de *coping* utilizadas para a gestão de situações stressantes que surgem no quotidiano, podendo os últimos atuar como fatores de vulnerabilidade ou de proteção (Bowlby, 1984; Bretherton et al., 1990). Indivíduos sensíveis e intensos nas suas reações tendem a reduzir sentimentos desconfortáveis através de estratégias de *coping* evitantes, proporcionando um alívio a curto prazo (Clauss et al., 2020).

### ***Fatores Relacionados com Estilos de Coping***

Define-se *coping* por um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, utilizados pelas crianças e adolescentes para lidarem com exigências específicas do quotidiano (Lazarus & Folkman 1984). O termo *coping* surge da investigação da psicologia sobre o estresse, sendo que, este não é um processo automático de estímulo-resposta, pois é também influenciado por fatores mediadores que podem ser internos e externos (Pais-Ribeiro, 2005). As estratégias ou estilos de *coping* podem impactar, de forma positiva ou negativa, a saúde física e mental, seja evitando a situação estressora ou confrontando-a. A escolha dessas estratégias, pode moderar o impacto de adversidades ao longo da vida, além de aumentar os níveis de bem-estar psicológico e reduzir o sofrimento (Lazarus & Folkman, 1984). Ao longo dos tempos alguns autores foram-se dedicando ao estudo do *coping*, entre eles destaca-se Folkman e Lazarus, como referências dentro desta temática (Antoniazzi et, al., 1998; Suls et, al., 1996).

Embora existam diferentes abordagens em relação a este conceito, todas reconhecem duas categorias: as estratégias de *coping* focadas nas emoções e as estratégias de *coping* focadas no problema. As estratégias de *coping* focadas no problema (e.g. procura de ajuda para resolver o problema) demonstram esforços cognitivos e comportamentais em resolver uma situação geradora de stresse, enquanto as estratégias de *coping* focadas nas emoções (e.g. evitamento do problema através de uma outra atividade) incluem esforços

cognitivos e comportamentais de evitamento emocional (Lazarus & Folkman 1984; Moos, 1993; Rijavec & Brdar, 2002).

As estratégias de *coping* podem atuar como fatores protetores ao regular emoções negativas ligadas ao stresse, gerando soluções alternativas e reduzindo as consequências negativas dos agentes stressores (e.g., resolução ativa de problemas, apoio social e reflexão sobre possíveis soluções), enquanto outras podem ser fatores de risco, aumentando as emoções negativas e o stresse, como o isolamento e o *coping* evitativo.

As crianças que apresentam uma vinculação segura tendem a utilizar mecanismos de *coping* mais eficazes (Compas, 1988; Steward et al., 1998). Contrariamente, as crianças que apresentam vinculação insegura tendem a evitar estratégias de *coping* positivas pois não reconhecem a necessidade de apoio ou não confiam nos outros para pedir suporte (Simpson et al., 1992; Simpson & Rholes, 1994). Por outro lado, os adolescentes têm diferentes formas de responder a um evento stressor. Essas formas podem ser adequadas e permitir enfrentar o problema (*coping* positivo) ou desadequadas ou não são direcionadas para a resolução do problema, com recurso a mecanismos de evitamento (*Coping* negativo) (Jorgensen & Dusek, 1990). Os adolescentes tentam gerir o aumento do stress tanto através de abordagens ativas, como de *coping* evitativo (Seiffge-Krense, 2000). No estudo de Rodrigues e Prebianchi (2021), sobre estresse e as estratégias de *coping* utilizadas por crianças e adolescentes institucionalizados, foi possível verificar que grande parte dos adolescentes preferiam utilizar a estratégia de *coping* de oposição perante as situações negativas. Foi ainda possível verificar que o estabelecimento de um vínculo afetivo positivo, entre estas crianças/adolescentes e os funcionários mais próximos, pode potenciar o recurso a estilos de *coping* adaptativos, o que poderá contribuir para uma melhor capacidade de regulação emocional (Rodrigues & Prebianchi, 2021). Os adolescentes institucionalizados, que utilizam estratégias para procurar ajuda ativa, parecem enfrentar com maior facilidade as suas dificuldades de regulação emocional e, conseqüentemente, avançar em direção a uma experiência mais adaptativa dentro da instituição (Mota et al., 2023). O estudo de Howard e Medway (2004), concluiu que o estilo de vinculação influencia a escolha (adaptativa ou desadaptativa) dos adolescentes perante um stressor (Howard & Medway, 2004). Assim sendo, as relações de suporte que se estabelecem entre os cuidadores da instituição e os adolescentes parecem estar associadas com estratégias activas de *coping* (Van der Helm et al., 2011).

A vinculação e o *coping* envolvem a percepção cognitiva do acontecimento stressante e a decisão sobre o grau de confiança a depositar em si e nos outros. O estilo de vinculação pode influenciar a escolha das estratégias de *coping*, face a um fator de stress (Godor et al., 2024). Assim sendo, a qualidade das relações de vinculação pode ter importância na escolha das estratégias de *coping* (Compas, 1988; Freitas & Downey, 1998; Skinner & Edge, 1998). Rossetti-Ferreira e colaboradores (2012) referem que o ser humano possui a necessidade de se vincular afetivamente a alguém, por norma a família nuclear, mas que pode ser substituída por outra figura de vinculação de referência, desde que esse alguém seja facilitador das interações nos ambientes sociais e no seu desenvolvimento (Rossetti-Ferreira et al., 2012).

Em suma, as instituições de acolhimento, além de terem como propósito proteger a vida das crianças e adolescentes, devem tentar atender às necessidades emocionais das crianças e jovens. Assim, é bastante importante o trabalho de prevenção e intervenção na saúde mental destas crianças e adolescentes (Calcing & Benetti, 2014).

### **Objetivo do estudo**

Com o intuito de contribuir para a intervenção junto de crianças e jovens institucionalizados, este estudo apresenta como objetivo principal explorar a vinculação a uma figura de referência dentro da instituição de acolhimento e perceber a sua relação com fatores individuais, com a regulação emocional e com a frequência e a eficácia dos estilos de *coping* para fazer face a eventos stressantes. Neste sentido, e considerando o referencial teórico supramencionado, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

- a) Existem diferenças entre a criação de vínculos seguros, as dificuldades na regulação emocional e a seleção dos estilos de *coping* mediante a etapa do desenvolvimento infantil (crianças e pré-adolescentes, meio da adolescência e final da adolescência)?
- b) Existem diferenças entre o sexo da criança/adolescente e a criação de vínculos seguros, as dificuldades na regulação emocional e a seleção dos estilos de *coping*?
- c) Existem diferenças nas dificuldades na regulação emocional mediante o motivo de institucionalização?

- d) As Crianças/adolescentes com irmãos institucionalizados apresentam menos dificuldades na regulação emocional?
- e) O aumento do tempo de institucionalização, menores dificuldades na regulação emocional e os estilos de *coping* adaptativos são, preditores da qualidade do vínculo (seguro) estabelecido com a figura de vinculação de referência institucional?
- f) As dimensões da vinculação (Confiança, Comunicação e Alienação) constituem-se fatores protetores do desenvolvimento de dificuldades na regulação emocional e do recurso a estilos de *coping* desadaptativos?

Por fim, serão discutidas as implicações para a prática, ou seja, a análise dos resultados e a sua contribuição para o delineamento de estratégias de intervenção com estas crianças/adolescentes.

## **Metodologia**

### **Participantes**

A amostra foi constituída por 60 crianças e adolescentes institucionalizados. A média de idades foi de 14,3 anos, variando entre um mínimo de 8 e um máximo de 17 anos. A maioria era do sexo biológico masculino (65%) e encontrava-se no 3º ciclo (58,4%) do ensino básico. 45% vivia só com a mãe antes da institucionalização e 88,3% mantinha contacto com a família. Mais de metade da amostra não tinha irmãos institucionalizados. Cerca de 40% foi institucionalizado por motivos de negligência e 43,3% estava na instituição há mais de 1 ano.

### **Instrumentos**

#### ***Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares***

Este questionário foi construído para este estudo e permite recolher informações acerca do contexto de crianças e adolescentes institucionalizados: dados sociodemográficos (idade; sexo biológico; nacionalidade, ano de escolaridade) e familiares (local da habitação anterior, contacto com a família de origem; irmãos na mesma instituição), bem como o tempo de institucionalização. Pede-se ao responsável na instituição que aceda ao processo de cada criança/jovem para o seu preenchimento.

### ***Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA)***

Do original *Inventory of Parent and Peer Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987a), o IPPA é a tradução portuguesa adaptada por Neves, Soares e Silva (1999). Composto por três escalas, pretende avaliar a qualidade da vinculação, nas suas dimensões comportamentais, cognitivas e afetivas à mãe, pai e pares, separadamente (25 itens cada escala). Este instrumento é cotado numa escala de Likert de 5 pontos, que varia de “Nunca ou quase nunca” a “Sempre ou quase sempre” e cada escala constitui-se por 3 fatores: Confiança, Comunicação e Alienação. No que concerne à cotação e interpretação, considera-se que a qualidade da vinculação é *segura* para valores acima da mediana.

Neste estudo, e tendo em consideração que a estrutura das escalas Mãe e Pai são iguais, não foi do nosso interesse explorar o género da figura de vinculação institucional. Assim, utilizamos a estrutura da escala apenas para avaliar a qualidade da nova relação de vinculação, independentemente de ser com uma figura feminina ou masculina. Foi solicitado aos participantes que respondessem ao instrumento pensando na sua figura de vinculação de referência, dentro da instituição.

Os coeficientes do *alpha de Cronbach* das escalas traduzidas para a população portuguesa (Neves et al., 1999) apresentaram-se elevados – 0,92 e 0,95, respetivamente, para as escalas Mãe, Pai. Neste estudo, o coeficiente do *alpha de Cronbach* apresentou uma consistência interna aceitável, na dimensão Confiança 0,64, Comunicação 0,86 e Alienação 0,70.

### ***Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Adolescentes (EDRE-VA)***

Do original *Difficulties in Emotional Regulation Scale* (DERS; Gratz & Roemer, 2004), a EDRE-VA é a adaptação portuguesa da DERS para a população adolescente (EDRE-VA; Sousa, Silva, & Rijo, 2018).

A EDRE-VA é uma escala com 36 itens que permite avaliar variados aspetos das dificuldades dos adolescentes na regulação emocional. Este instrumento divide-se em 6 dimensões: Não Aceitação de Respostas Emocionais (não aceitação); Dificuldades em Adotar Comportamentos Orientados para Objetivos (objetivos); Dificuldades no Controlo dos Impulsos (impulsos); Falta de Consciência Emocional (consciência); Acesso Limitado a Estratégias de Regulação das Emoções (estratégias); e Falta de Clareza Emocional (clareza). Cotada numa escala de Likert de 5 pontos que varia de 1 (quase

nunca) a 5 (quase sempre). Quanto mais elevada for a pontuação, mais dificuldades na regulação emocional.

Esta escala original apresentou uma boa consistência interna, quer na subamostra feminina, quer masculina. Os *alpha de Cronbach* apresentaram-se excelentes para a pontuação total da escala (variando entre 0,91 e 0,93). Para as seis subescalas, nas duas subamostras, os alfas variaram entre 0,72 e 0,87. Neste estudo, o coeficiente do *alpha de Cronbach* variou entre 0,65- 0,83 nas 6 subescalas, apresentando uma boa consistência interna adequada.

### ***Schoolager's Coping Strategies Inventory (SCSI)***

Do original *Schoolager's Coping Strategies Inventory* (SCSI; Ryan-Wenger, 1990), o SCSI é a versão portuguesa de Lima, Lemos e Guerra (2003), para avaliar a perceção dos estilos de *Coping* utilizados perante um acontecimento stressante.

O instrumento está dividido em duas escalas com 21 itens cada: a Escala da Frequência (“Quantas vezes fazes isto?”) e a Escala da Eficácia (“Quanto é que isto te ajuda”), cada uma com 3 fatores (F): estratégias de distração cognitivo/comportamental (F1); Acting out (F2); e Diálogo interno (F3). Na Escala da Frequência, as opções de resposta variam de “(0) Nunca” a “(3) A maior parte das vezes”, pretendendo identificar a frequência com que determinado comportamento é executado perante o fator stressor previamente identificado. Na Escala da Eficácia, as opções de resposta variam de “(0) Nunca faço isto” a “(3) Ajuda muito”, permitindo identificar a perceção que o sujeito faz do contributo da escolha de determinado comportamento para fazer face ao stressor. A cotação é feita separadamente para as duas escalas. As duas escalas apresentam uma consistência interna aceitável nas subescalas entre 0,53 e 0,78 para a Frequência e entre 0,72 e 0,78 para a Eficácia. Neste estudo, as duas escalas apresentaram uma boa consistência interna adequada nas subescalas, variando entre 0,60 e 0,78 na Frequência e entre 0,62 e 0,73 na Eficácia.

### **Procedimento**

A recolha dos dados foi realizada entre março e abril de 2024, em quatro instituições de acolhimento de crianças e jovens, situadas na região de Lisboa e Vale do Tejo. O

estudo foi primeiramente submetido à Comissão de Ética da Egas Moniz School of health and Science, a fim de fazer cumprir os princípios éticos e deontológicos presentes na Declaração de Helsínquia, tendo sido atribuído o número de processo interno nº1354 PT-420/23.

Após contacto inicial com as instituições de acolhimento localizadas na região de Lisboa e Vale do Tejo foram agendadas reuniões com o responsável da instituição de acolhimento e/ou responsável pelo departamento científico da instituição de acolhimento. Esclareceram-se os objetivos e procedimentos da investigação, a melhor forma da recolha de dados (individual ou em grupo) e os critérios de inclusão, que obrigaram à seleção de participantes para participação no estudo.

O representante legal das crianças/adolescentes institucionalizados, assinou um consentimento informado que esclarecia os objetivos, metodologia, bem como a garantia do anonimato. As crianças/jovens deram um consentimento verbal e preencheram o protocolo de investigação em papel, num ambiente seguro e calmo e na presença da investigadora, garantindo o esclarecimento imediato de dúvidas no seu preenchimento. Foram ainda instruídos para não escreverem os seus nomes nos questionários, tendo sido criado por eles um número de código alfa- numérico, preservando a confidencialidade do material recolhido. Os objetivos do estudo foram clarificados em cada uma das aplicações e esclarecida a liberdade para desistir a qualquer momento.

### ***Análise dos dados***

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. Nesta, utilizou-se o coeficiente de consistência interna Alpha de Cronbach, o teste t de Student para uma amostra, a regressão logística (variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de *Coping* como variáveis independentes e a variável Estilo de Vinculação como variável dependente), o coeficiente de correlação de Pearson, a regressão linear múltipla e o teste Manova. Os pressupostos da regressão linear múltipla, designadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (análise gráfica), independência de resíduos (teste de Durbin-Watson), normalidade dos resíduos (teste de Kolmogorov-Smirnov), multicolinearidade (VIF e Tolerance) e homogeneidade de variâncias (análise gráfica) foram analisados e

encontravam-se genericamente satisfeitos. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em  $\alpha \leq .05$ . Para estas análises foi considerado o Teorema do Limite Central (amostras superiores a 30, considera-se a distribuição amostral das médias como aproximadamente normal).

A análise estatística foi efetuada com o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 28 para Windows.

## Resultados

As estatísticas descritivas dos valores obtidos nas variáveis em análise (Estilo de Vinculação, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de *Coping*) podem ser observadas na tabela seguinte (Tabela 1). Na Tabela 1, podem observar-se os valores mínimos e máximos, média e desvios padrões.

**Tabela 1**

*Estatísticas Descritivas*

	Mín.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>
<i>Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)</i>				
Confiança	18	49	38.60	7.29
Comunicação	14	45	31.50	8.14
Alienação	6	30	24.38	4.83
<i>Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE-VA)</i>				
Não Aceitação	6	30	15.78	6.68
Objetivos	5	23	13.90	4.75
Impulsos	6	30	15.78	6.47
Consciência	6	30	17.58	6.07
Estratégias	8	38	20.60	7.75
Clareza	5	22	13.60	4.45
<i>Inventário de estratégias de Coping (SCSI)</i>				
Frequência F1 <sup>(a)</sup>	0.22	3.00	1.32	0.61
Frequência F2 <sup>(b)</sup>	0.00	2.60	0.76	0.72
Frequência F3	0.00	2.60	1.46	0.63

Eficácia F1 <sup>(a)</sup>	0.75	3.00	1.63	0.61
Eficácia F2 <sup>(b)</sup>	0.00	3.00	0.81	0.68
Eficácia F3 <sup>(c)</sup>	0.17	3.00	1.62	.60

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

As crianças e adolescentes em estudo obtiveram valores elevados em Alienação (indicativo de menor afastamento da figura de vinculação de referência) e baixos em Comunicação (valores corrigidos em função do número de itens em cada escala e indicativos de maiores dificuldades na comunicação com a figura de vinculação de referência). Os valores de vinculação apresentaram-se relativamente elevados, pois foram todos significativamente superiores ao ponto médio das escalas (3),  $p < .001$ .

### **Diferenças entre os fatores individuais e as dimensões da vinculação, a regulação emocional e o recurso a estratégias de *coping* adaptativas/desadaptativas**

Para avaliar a qualidade da vinculação de crianças e adolescentes institucionalizados com a figura de vinculação de referência na instituição, primeiramente foram analisadas as respostas às questões de investigação levantadas a respeito da relação entre as variáveis individuais e as variáveis dependentes em estudo. Seguidamente, foram feitas as análises que remetem para os fatores protetores da vinculação segura e das dimensões da vinculação em função da capacidade, das crianças/adolescentes, para regular as suas emoções ou da escolha adaptativa ou desadaptativa de estilos de *coping* para fazer face a eventos de vida stressantes.

#### ***Efeito da idade***

Para perceber se existem diferenças nas dimensões da vinculação, na regulação emocional e nas estratégias de *coping* em função da idade de desenvolvimento (variável independente idade do sujeito), efetuou-se a análise de correlações de Pearson.

### **Tabela 2**

*Correlações de Pearson: Efeito da Idade*

	Idade
Confiança	-.014

Comunicação	-0.145
Alienação	-0.140
<hr/>	
EDRE_Não_Aceitação	-0.277*
EDRE_Objativos	-0.155
EDRE_Impulsos	-0.120
EDRE_Consciencia	0.424***
EDRE_Estratégias	-0.173
EDRE_Clareza	-0.085
<hr/>	
CSI_F1_Frequência <sup>(a)</sup>	-0.371**
CSI_F2_Frequência <sup>(b)</sup>	-0.170
CSI_F3_Frequência <sup>(c)</sup>	-0.267*
CSI_F1_Eficácia <sup>(a)</sup>	-0.351**
CSI_F2_Eficácia <sup>(b)</sup>	-0.058
CSI_F3_Eficácia <sup>(c)</sup>	-0.315*

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

A análise da Tabela 2 é indicativa de associações significativas e negativas entre a Idade e as Dificuldades na Regulação Emocional de Não Aceitação, a Frequência e Eficácia da Distração Cognitivo-comportamental e as Estratégias de *Coping* Ativas (Tabela 2). Encontrou-se uma correlação significativa e positiva entre a Idade e as Dificuldades na Regulação Emocional Consciência. Isto significa que adolescentes mais velhos tem maiores dificuldades de regulação emocional ao nível da consciência, ou seja, falta de compreensão das emoções, e utilizam com menos frequência e eficácia recursos de *coping* de distração cognitivo-comportamental e com menos frequência estratégias ativas para lidar com o stressor.

### ***Comparação entre as Etapas do Desenvolvimento Infantil (infância vs início da adolescência vs final da adolescência)***

Para uma distribuição mais homogênea das subamostras utilizou-se como referência a divisão em faixas etárias utilizada no estudo com adolescentes, de Gouveia et al. (2017). Os resultados que se seguem pretendem responder à questão “Existem diferenças entre a criação de vínculos seguros, as dificuldades na regulação emocional e a seleção dos estilos de coping mediante a etapa do desenvolvimento infantil?”

Foi utilizado o teste multivariada da Manova, a fim de comparar grupos em variáveis independentes que se correlacionam entre si.

Este indicou que não existem diferenças estatisticamente significativas na Vinculação, Wilks' Lambda = .961,  $F(6, 110) = 0.366$ ,  $p = .899$ , nem nas Dificuldades na Regulação Emocional, Wilks' Lambda = .719,  $F(12, 104) = 1.557$ ,  $p = .116$  em função das etapas desenvolvimentais (Tabela 3). Contudo, verifica-se que nas Estratégias de *Coping*, Wilks' Lambda = .623,  $F(12, 104) = 2.314$ ,  $p = .012$ , encontrou-se diferenças significativas em função das Etapas desenvolvimentais.

Assim, na Frequência (F1) da distração cognitivo-comportamental, as crianças até 13 anos (infância e início da adolescência) obtiveram valores mais elevados do que as de 14-16 anos (meio da adolescência). Na Frequência (F3) Estratégias ativas as crianças até 13 anos (infância e início da adolescência) obtiveram valores mais elevados do que as de 14-16 anos (meio da adolescência). Na Eficácia (F1) da distração cognitivo-comportamental, as crianças até 13 anos (infância e início da adolescência) obtiveram valores mais elevados do que as de 14-16 anos (meio da adolescência). Na Eficácia (F3) Estratégias ativas as crianças até 13 anos (infância e início da adolescência) obtiveram valores mais elevados do que os jovens de 17 anos (final da adolescência).

**Tabela 3**

*Teste Multivariada Manova: Etapas do Desenvolvimento*

	Até 13 anos		14-16 anos		17 anos		Sig.
	(n=17)		(n=30)		(n=13)		
	M	DP	M	DP	M	DP	
<i>Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)</i>							
Confiança	39.12	6.71	38.73	7.54	37.62	7.93	.851
Comunicação	32.76	7.51	30.73	8.58	31.62	8.32	.719
Alienação	25.35	3.24	24.17	4.49	23.62	7.09	.593
<i>Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE-VA)</i>							
Não Aceitação	18.35	7.11	15.70	6.31	12.62	5.97	.063

Objetivos	15.29	4.61	13.43	4.83	13.15	4.74	.361
Impulsos	17.94	6.98	14.53	6.40	15.85	5.65	.226
Consciência	14.06	5.46	18.63	5.65	19.77	6.26	.013
Estratégias	23.47	8.64	19.53	7.16	19.31	7.50	.198
Clareza	14.53	3.84	13.37	4.13	12.92	5.89	.578
<hr/>							
<i>Inventário de estratégias de Coping (SCSI)</i>							
Frequência F1 <sup>(a)</sup>	1.69	.73	1.17	.43	1.20	.64	.012*
Frequência F2 <sup>(b)</sup>	.99	.83	.73	.72	.55	.56	.255
Frequência F3 <sup>(c)</sup>	1.82	.70	1.31	.57	1.37	.54	.020*
Eficácia F1 <sup>(a)</sup>	2.01	.67	1.45	.47	1.58	.68	.008**
Eficácia F2 <sup>(b)</sup>	.91	.84	.80	.61	.72	.67	.767
Eficácia F3 <sup>(c)</sup>	1.93	.76	1.58	.48	1.33	.46	.019*

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativa.

### ***Diferenças mediante o sexo da criança/adolescente***

Uma vez que, as variáveis independentes (Qualidade da Vinculação, Dificuldades na Regulação Emocional e Estilos de Coping) estão correlacionadas entre si, foi utilizado o teste multivariada da Manova (Tabela 4) para estudar as possíveis diferenças entre o sexo da criança/adolescente e a criação de vínculos seguros, as dificuldades na regulação emocional e a seleção dos estilos de coping.

Pela observação da Tabela 3, constata-se que não existem diferenças estatisticamente significativas na Vinculação, Wilks' Lambda = .946,  $F(3, 56) = 1.062$ ,  $p = .373$ , Regulação Emocional, Wilks' Lambda = .890,  $F(6, 53) = 1.066$ ,  $p = .383$  e Estratégias de Coping, Wilks' Lambda = .845,  $F(6, 53) = 1.622$ ,  $p = .159$ , em função do sexo.

**Tabela 4**

Teste Multivariada Manova: Sexo

	Feminino		Masculino		Sig.
	(n=22)		(n=38)		
	M	DP	M	DP	
<hr/>					

<i>Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)</i>					
Confiança	39.05	6.56	38.36	7.73	.731
Comunicação	33.86	6.45	30.23	8.74	.100
Alienação	24.24	5.41	24.46	4.57	.866
<i>Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE-VA)</i>					
Não Aceitação	16.67	6.22	15.31	6.95	.457
Objetivos	14.33	4.08	13.67	5.12	.609
Impulsos	14.86	5.23	16.28	7.07	.421
Consciência	18.57	6.51	17.05	5.85	.360
Estratégias	22.05	8.85	19.82	7.10	.293
Clareza	13.86	4.00	13.46	4.72	.746
<i>Inventário de estratégias de Coping (SCSI)</i>					
Frequência F1 <sup>(a)</sup>	1.43	.72	1.26	.55	.303
Frequência F2 <sup>(b)</sup>	.50	.62	.90	.75	.043
Frequência F3 <sup>(c)</sup>	1.69	.64	1.35	.61	.050
Eficácia F1 <sup>(a)</sup>	1.76	.72	1.57	.56	.281
Eficácia F2 <sup>(b)</sup>	.60	.65	.93	.68	.077
Eficácia F3 <sup>(c)</sup>	1.75	.65	1.56	.57	.226

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

### ***Diferenças mediante o motivo de institucionalização***

Foi utilizado o teste multivariada da Manova (Tabela 5), para estudar as diferenças mediante o motivo de institucionalização da criança/adolescente e a criação de vínculos seguros com a figura de vinculação de referência, as dificuldades na regulação emocional e a seleção dos estilos de *coping*.

Os resultados foram indicativos de que não existem diferenças estatisticamente significativas na Vinculação, Wilks' Lambda = .886,  $F(3, 32) = 1.379$ ,  $p = .267$ . Relativamente às Dificuldades na Regulação Emocional, Wilks' Lambda = .478,  $F(18, 14.735) = 2.397$ ,  $p = .002$ , encontramos diferenças significativas na subescala de Impulsos

(comportamentos impulsivos quando emocionalmente perturbados) ( $p = .012$ ) e subescala de Estratégias (percepção de falta de estratégias eficazes para regular as emoções) ( $p = .011$ ), sendo que os sujeitos que foram institucionalizados por motivos de Maltratos obtêm valores mais elevados nestas subescalas. No que concerne às Estratégias de Coping, os resultados foram indicativos de que não existem diferenças estatisticamente significativas Wilks' Lambda = .687,  $F(18, 1687) = 1.144$ ,  $p = .317$ , em função do Motivo de Institucionalização.

**Tabela 5**

Teste Multivariada Manova: Motivo de Institucionalização

	Negligência (n=25)		Maltratos (n=13)		Sig.
	M	DP	M	DP	
<i>Inventário de Vinculação na Adolescência</i>					
Confiança	37.21	8.08	41.83	5.18	.081
Comunicação	30.58	9.00	35.33	5.63	.105
Alienação	23.71	5.30	25.42	4.38	.342
<i>Escala de Dificuldades na Regulação Emocional</i>					
Não Aceitação	14.88	7.20	17.08	5.87	.501
Objetivos	12.63	5.39	14.33	4.29	.245
Impulsos	13.21	6.25	16.50	5.40	.012*
Consciência	17.25	7.04	19.42	6.10	.370
Estratégias	17.75	7.50	26.67	7.55	.011*
Clareza	11.87	4.31	15.25	4.37	.059
<i>Inventário de estratégias de Coping</i>					
Frequência F1 <sup>(a)</sup>	1.45	.65	1.14	.52	.399
Frequência F2 <sup>(b)</sup>	.62	.69	.62	.59	.184
Frequência F3 <sup>(c)</sup>	1.55	.66	1.47	.49	.352
Eficácia F1 <sup>(a)</sup>	1.82	.62	1.48	.60	.162
Eficácia F2 <sup>(b)</sup>	.67	.62	.63	.62	.091
Eficácia F3 <sup>(c)</sup>	1.64	.73	1.60	.24	.965

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

***Efeito mediante ter ou não irmãos institucionalizados***

Estando as variáveis independentes correlacionadas entre si, foi utilizado o teste multivariada da Manova (Tabela 6), para estudar o possível efeito de possuir irmãos institucionalizados.

Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas na Vinculação, Wilks' Lambda = .972,  $F(3, 56) = 0.528$ ,  $p = .665$ , Regulação Emocional, Wilks' Lambda = .920,  $F(6, 53) = 0.766$ ,  $p = .600$  e nas Estratégias de *Coping*, Wilks' Lambda = .887,  $F(6, 53) = 1.130$ ,  $p = .358$ , em função de ter ou não Irmãos Institucionalizados.

**Tabela 6***Teste Multivariada Manova: Irmãos Institucionalizados*

	Sim (n=23)		Não (n=36)		Sig.
	M	DP	M	DP	
<i>Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA)</i>					
Confiança	37.48	7.04	39.30	7.46	.352
Comunicação	31.04	7.22	31.78	8.75	.735
Alienação	23.57	5.83	24.89	4.11	.306
<i>Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE-VA)</i>					
Não Aceitação	17.70	6.23	14.59	6.76	.080
Objetivos	14.48	4.09	13.54	5.15	.462
Impulsos	16.35	6.55	15.43	6.50	.599
Consciência	17.17	5.77	17.84	6.33	.685
Estratégias	22.43	8.91	19.46	6.83	.150
Clareza	13.83	3.58	13.46	4.96	.759
<i>Inventário de estratégias de Coping (SCSI)</i>					
Frequência F1 <sup>(a)</sup>	1.47	.59	1.23	.61	.145
Frequência F2 <sup>(b)</sup>	.71	.67	.79	.77	.677
Frequência F3 <sup>(c)</sup>	1.60	.68	1.38	.60	.203

Eficácia F1 <sup>(a)</sup>	1.79	.59	1.54	.63	.125
Eficácia F2 <sup>(b)</sup>	.75	.65	.85	.71	.564
Eficácia F3 <sup>(c)</sup>	1.64	.64	1.61	.58	.842

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

### Preditores da qualidade da vinculação segura

Para identificar eventuais preditores significativos da qualidade da vinculação (estilo de vinculação segura) realizou-se uma regressão logística com as variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de Coping como variáveis independentes e a variável Estilo de Vinculação (variável binária) como variável dependente (Tabelas 7 e 8).

A significância do teste do qui-quadrado ( $\chi^2$ ) indica que a diferença entre o modelo adicionado das variáveis independentes, e o modelo só com a constante não é estatisticamente significativo,  $\chi^2 (13) = 11.854$ ,  $p = .540$ . Assim, as variáveis independentes não se revelaram preditores significativos da qualidade de vinculação segura ( $p > .05$ ).

**Tabela 7**

Omnibus Teste dos Coeficientes (teste de chi-quadrado comparando a variância do seu modelo com variáveis independentes e o modelo nulo)

		$\chi^2$	df	Sig.
<b>Passo 1</b>	Passo	11.854	13	.540
	Bloco	11.854	13	.540
	Modelo	11.854	13	.540

**Tabela 8**

Regressão Logística: Qualidade da Vinculação Segura

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
<b>Passo1</b> Tempo_Inst.	-.052	.285	.033	1	.856	.950
EDRE_Não_Aceitação	.113	.077	2.139	1	.144	1.120
EDRE_Objetivos	.128	.088	2.099	1	.147	1.136
EDRE_Impulsos	-.056	.075	.561	1	.454	.945

EDRE_Consciencia	-.072	.066	1.174	1	.279	.931
EDRE_Estratégias	-.083	.068	1.471	1	.225	.921
EDRE_Clareza	-.070	.093	.567	1	.452	.932
SCSI_Frequência_F1 <sup>(a)</sup>	-1.237	1.237	.999	1	.317	.290
SCSI_Frequência_F2 <sup>(b)</sup>	.389	.786	.245	1	.621	1.475
SCSI_Frequência_F3 <sup>(c)</sup>	.971	.920	1.113	1	.291	2.640
SCSI_Eficácia_F1 <sup>(a)</sup>	1.496	1.129	1.756	1	.185	4.464
SCSI_Eficácia_F2 <sup>(b)</sup>	-.605	.785	.596	1	.440	.546
SCSI_Eficácia_F3 <sup>(c)</sup>	-.890	.976	.832	1	.362	.410
Constante	.164	2.225	.005	1	.941	1.178

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental:

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out:

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

### ***Preditores das Dimensões da Vinculação***

Para identificar eventuais preditores significativos das dimensões da vinculação (confiança, comunicação, alienação) realizaram-se três regressões logísticas com as variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de *Coping* como variáveis independentes e as variáveis Dimensões da vinculação (binárias) como variáveis dependentes. Apresentam-se de seguida os resultados para cada uma das dimensões da vinculação.

### ***Confiança***

Para identificar eventuais preditores significativos da dimensão Confiança da Vinculação (qualidade da vinculação ao nível da confiança) realizou-se uma regressão linear múltipla com as variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de *Coping* como variáveis independentes e a variável Confiança como variável dependente (Tabela 9). O modelo de regressão explica 14.9% desta última variável, não sendo estatisticamente significativo,  $F(120, 49) = 0.861$ ,  $p = .574$ . Assim, as variáveis independentes não se revelaram preditores significativos da dimensão Confiança ( $p > .05$ ).

**Tabela 9**

Regressão Linear Múltipla: Dimensão da Vinculação - Confiança

	Coeficientes				
	Não		Coeficientes		
	estandardizados		estandardizados		
	B	SE	Beta	t	Sig.
<b>Modelo</b>					
Tempo_Inst.	-.562	.926	-.084	-.607	.547
EDRE_Não_Aceitação	.008	.229	.007	.034	.973
EDRE_Objativos	.312	.278	.203	1.122	.267
EDRE_Impulsos	-.033	.243	-.029	-.136	.892
EDRE_Consciência	-.078	.203	-.065	-.383	.704
EDRE_Estratégias	.022	.200	.023	.109	.913
EDRE_Clareza	-.133	.299	-.081	-.445	.658
SCSI_Eficácia_F1 <sup>(a)</sup>	.530	1.991	.045	.266	.791
SCSI_Eficácia_F2 <sup>(b)</sup>	-3.278	1.623	-.308	-2.019	.049
SCSI_Eficácia_F3 <sup>(c)</sup>	2.033	2.148	.167	.946	.349
(Constante)	37.041	7.264		5.099	.000
Total R <sup>2</sup>	0,149				
F(10, 49)	0,861				

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental:

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out:

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

## Comunicação

Para identificar eventuais preditores significativos da dimensão Comunicação (qualidade da vinculação ao nível da comunicação) da Vinculação realizou-se uma regressão linear múltipla com as variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de Coping como variáveis independentes e a variável Comunicação como variável dependente (Tabela 10). O modelo de regressão explica 33% desta última variável, sendo estatisticamente significativo,  $F(10, 49) = 3.904$ ,  $p < .001$ . As variáveis Eficácia (F1) da distração cognitivo-comportamental ( $B = 5.635$ ,  $p = .003$ ) e Eficácia (F2) do comportamento de acting-out ou de exteriorização de afetos negativos ( $B = -5.608$ ,  $p < .001$ ) revelaram ser preditores significativos da dimensão Comunicação.

Assim, quanto mais elevados são os valores da Eficácia (F1) da distração cognitivo-comportamental mais elevados são os valores da Comunicação e quanto mais baixos são os valores da Eficácia (F2) do comportamento de acting-out ou de exteriorização de afetos negativos mais elevados são os valores da dimensão Comunicação.

**Tabela 10**

Regressão Linear Múltipla: Dimensão da Vinculação - Comunicação

Modelo	Coeficientes		Coeficientes		t	Sig.
	Não estandardizados		estandardizados			
	B	SE	Beta			
Tempo_Inst.	-.199	.836	-.027		-.238	.813
EDRE_Não_Aceitação	.220	.207	.180		1.064	.293
EDRE_Objetivos	.079	.251	.046		.313	.755
EDRE_Impulsos	.037	.220	.029		.167	.868
EDRE_Consciencia	-.227	.183	-.170		-1.242	.220
EDRE_Estratégias	.046	.181	.044		.255	.800
EDRE_Clareza	.165	.270	.090		.610	.544
SCSI_Eficácia_F1 <sup>(a)</sup>	5.635	1.798	.429		3.134	.003**
SCSI_Eficácia_F2 <sup>(b)</sup>	-5.608	1.466	-.472		-3.826	.000***
SCSI_Eficácia_F3 <sup>(c)</sup>	-.890	1.940	-.066		-.459	.649
Constante	24.350	6.560			3.712	.001
Total R <sup>2</sup>	.330					
F(10, 49)	3.904***					

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental;

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out;

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

### Alienação

Para identificar eventuais preditores significativos da dimensão Alienação da Vinculação (qualidade da vinculação ao nível da Alienação) realizou-se uma regressão linear múltipla com as variáveis Tempo de Institucionalização, Dificuldades na Regulação Emocional e Estratégias de *Coping* como variáveis independentes e a variável Alienação como variável dependente (Tabela 11). O modelo de regressão explica 12.3%

desta última variável, sendo marginalmente significativo,  $F(10, 49) = 1.830, p = .080$ . As variáveis Tempo de Institucionalização ( $B = -1.255, p = .032$ ) e Dificuldades na Regulação Emocional Objetivos ( $B = 0.351, p = .044$ ) revelaram ser preditores significativos da dimensão Alienação. Assim, quanto mais elevado é o Tempo de Institucionalização mais elevada é a Alienação e quanto mais elevada são as Dificuldades na Regulação Emocional Objetivos mais baixa é a Alienação.

**Tabela 11**

Regressão Linear Múltipla: Dimensão da Vinculação - Alienação

Modelo	Coeficientes		Coeficientes		
	Não		estandardizados		
	B	SE	Beta	t	Sig.
Tempo_Inst.	-1.255	.568	-.284	-2.210	.032*
EDRE_Não_Aceitação	-.156	.140	-.215	-1.108	.273
EDRE_Objetivos	.351	.170	.345	2.064	.044*
EDRE_Impulsos	-.276	.149	-.370	-1.849	.070
EDRE_Consciencia	-.148	.124	-.186	-1.193	.238
EDRE_Estratégias	.233	.123	.373	1.896	.064
EDRE_Clareza	-.224	.184	-.206	-1.221	.228
SCSI_Frequência_F2 <sup>(b)</sup>	1.000	1.221	.128	.819	.417
SCSI_Frequência_F3 <sup>(c)</sup>	-1.395	.996	-.198	-1.401	.168
SCSI_Eficácia_F1 <sup>(a)</sup>	-1.427	1.318	-.177	-1.083	.284
SCSI_Eficácia_F2 <sup>(b)</sup>	-1.009	1.519	-.143	-.664	.510
SCSI_Eficácia_F3 <sup>(c)</sup>	-.997	1.842	-.124	-.541	.591
Constante	31.562	4.456		7.084	.000
Total R <sup>2</sup>	.123				
F(10, 49)	1.830				

Nota. \*  $p \leq .05$  \*\*  $p \leq .01$  \*\*\*  $p \leq .001$ .

<sup>(a)</sup>estratégias de distração cognitivo-comportamental:

<sup>(b)</sup>estratégias de comportamento acting-out:

<sup>(c)</sup>estratégias ativas.

## Discussão

O presente estudo explorou os fatores protetores da vinculação com uma figura de referência dentro da instituição de acolhimento, investigando a sua relação com os fatores individuais, as dificuldades na regulação emocional, e a frequência e a eficácia dos estilos de *coping* perante eventos stressantes. O estudo dos fatores protetores, no lugar dos fatores de risco tem sido enfatizado em investigações recentes (Assouline & Attar-Schwartz, 2020; Erol et al., 2010; Marques & Stankjevicz, 2023; Oruzar et al., 2019), visando identificar quais fatores que promovem um ajustamento positivo à institucionalização.

Não foram encontradas diferenças ao nível da qualidade da vinculação percebida e as etapas de desenvolvimento estudadas (crianças e pré-adolescentes, meio e fim da adolescência). Nas três etapas os valores médios das dimensões da vinculação foram elevados, o que reflete que estas crianças e adolescentes perceberam uma boa qualidade de vinculação com a figura de referência na instituição. Infere-se que mesmo em situação de institucionalização, estas crianças e adolescentes, são capazes de estabelecer novos vínculos, comprovando que a necessidade de vinculação persiste durante toda a vida e em todas as fases do desenvolvimento (Bowlby, 1984). Por outro lado, este resultado reforça a importância que a instituição apresenta na escolha de cuidadores adequados e que estimulam a vinculação (Hueche et al., 2019).

No que respeita à capacidade de regulação emocional, ela não se estabelece igualmente nas etapas analisadas. Foi possível verificar que os jovens no final da adolescência apresentam maiores dificuldades na regulação emocional, sobretudo na capacidade que remete para a falta de reconhecimento e compreensão das emoções. Este resultado poderá apoiar-se nos estudos que salientam que os adolescentes apresentam dificuldades na regulação emocional (Cole & Hollenstein, 2018; Hollenstein & Loughheed, 2013; Vygotski, 2006). Nesta fase do desenvolvimento estas dificuldades são expectáveis, pois é nela que os adolescentes desenvolvem a sua identidade, enfrentam oscilações de humor e desencadeiam emoções muito intensas e variáveis (Hollenstein & Loughheed, 2013).

No entanto, observamos que o aumento da idade, especialmente durante a adolescência média e tardia, está associado a uma diminuição gradual das dificuldades relacionadas com a aceitação de respostas emocionais negativas. Isto sugere que os adolescentes mais velhos apresentam menores dificuldades em aceitar sentimentos e reações emocionais

negativas. Com base nesta observação, levanta-se a hipótese de que a adolescência é uma fase muito importante do desenvolvimento, considerada um momento de transição que acarreta muitas mudanças (Vygotski, 2006). Esta fase, é marcada por desafios emocionais (Cole & Hollenstein, 2018). No entanto, os adolescentes possuem habilidades cognitivas e emocionais mais desenvolvidas para enfrentar estes desafios, quando comparados com crianças e pré-adolescentes (Compas, 2001; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2011).

No que respeita aos estilos de *coping* para fazer face a eventos de vida stressantes, os resultados indicam que as crianças e os pré-adolescentes utilizam com maior frequência e eficácia estratégias de *coping* de distração cognitivo-comportamental e estratégias de *coping* ativas. Neste sentido, as crianças e pré-adolescentes, envolvem-se em esforços conscientes e intencionais para lidar e superar situações de stress ou de desafio, comparados aos adolescentes entre os 14 e os 17 anos. O que poderá ser explicado pela hipótese de que, durante a infância e pré-adolescência, as habilidades cognitivas e emocionais ainda se estão a desenvolver, o que faz com que procurem estratégias de *coping* mais simples e imediatas para lidar com a situação stressora (Compas, 2001; Zimmer-Gembeck & Skinner, 2011).

Não foi possível encontrar diferenças, entre sexos, no que concerne às dimensões da vinculação, dificuldades na regulação emocional e frequência e eficácia das estratégias de *coping*. Este resultado segue a tendência patente na investigação nesta área, que afirma que a qualidade da vinculação não se relaciona com o sexo (Del Giudice, 2018). No que concerne à regulação emocional rapazes e raparigas percecionam dificuldades em regular emoções. No entanto os estudos focam-se na forma como eles lidam com essas dificuldades (Neves et al., 2016) e não nas dificuldades específicas. Relativamente às estratégias de *coping* o resultado poderá ser fundamentado no facto de rapazes e raparigas enfrentarem as mesmas ameaças à sobrevivência (Del Giudice, 2018), assim, levanta-se a hipótese que perante o mesmo evento stressor a forma de lidar com esse stressor é similar.

No que concerne ao motivo de institucionalização, apuramos que as crianças e adolescentes institucionalizados por motivo de maus-tratos, apresentam maiores dificuldades na regulação emocional, sobretudo ao nível do controlo dos impulsos, ou seja, maiores dificuldades em controlar comportamentos impulsivos quando emocionalmente perturbados. Mas também ao nível das estratégias, ou seja, a perceção de falta de estratégias eficazes para regular emoções. O resultado vai ao encontro de

outros estudos (Knowles, 2019; Scivoletto et al., 2010) que afirmam que a exposição a um ambiente marcado por violência intrafamiliar (física e psicológica), poderá desencadear dificuldades no controlo dos impulsos e provocar sofrimento psíquico (Scivoletto et al., 2010). Os jovens institucionalizados, por maus-tratos, poderão ainda apresentar maior propensão a desenvolver problemas emocionais, nomeadamente, a falta de capacidade para lidar com emoções intensas e labilidade emocional (Knowles, 2019).

No presente estudo, o facto de existirem irmãos institucionalizados não foi indicativo de melhor qualidade ao nível da vinculação, ou de menores dificuldades da regulação emocional ou de um recurso a estratégias de *coping* mais adaptativas. Este resultado não corrobora outras investigações (Mota et al., 2023; Oriol et al., 2014), que indicam que a presença de irmãos institucionalizados, podem constituir-se como um fator protetor. Embora não tenha sido tomado em consideração se os irmãos presentes seriam mais velhos ou mais novos, chamamos a atenção para a importância que a posição na fratria possa ter. A posição na fratria e o papel desempenhado por cada um dos irmãos no seio familiar é um fator a ter em consideração, destacando-se a importância do irmão mais velho como figura de vinculação de referência (Bowlby, 1984; Fernandes, 2002, 2005).

As variáveis em estudo não se mostraram preditoras da qualidade da vinculação com a figura de referência na instituição de acolhimento. Contudo, a forma como estas crianças e jovens regulam as suas emoções e os mecanismos que utilizam para fazer face a eventos de vida stressantes parecem relacionar-se com o tipo de vinculação (baseado na confiança, na comunicação ou na relação de proximidade/afastamento à figura de vinculação - alienação). De entre as três destacam-se a vinculação com base na comunicação e com base na alienação.

O maior tempo de institucionalização parece antever uma redução no distanciamento percebido à figura de vinculação. Assim, enfatiza-se a importância de a instituição proporcionar experiências de vida positivas a estes jovens (Pasian & Jacquemin, 1999). A construção de relações seguras com os cuidadores dentro da instituição revela-se fundamental para a satisfação dos jovens com o ambiente (Mota et al., 2024).

Os resultados foram ainda indicativos de que maiores dificuldades em manter comportamentos orientados para objetivos são preditores de uma maior alienação relativa à figura de vinculação na instituição. Este resultado é corroborado por Mota e colaboradores (2023), que destacam a regulação emocional como crucial para a adaptação

institucional. Vínculos seguros com cuidadores são essenciais para facilitar a adaptação, desde que estes estejam sensíveis às necessidades emocionais das crianças sob sua responsabilidade (Mota et al., 2023).

Por outro lado, o elevado recurso à estratégia de *coping* baseada na distração cognitivo-comportamental e baixos níveis na utilização de estratégias de *coping* de acting-out ou de exteriorização de afetos negativos, demonstraram ser preditores significativos de vinculação segura com foco na comunicação. A investigação suporta a importância da comunicação como uma dimensão fundamental da vinculação (Alarcão, 2006). Por seu turno, as crianças com uma vinculação segura tendem a utilizar mecanismos de *coping* mais eficazes (Compas, 1988; Steward et al., 1998).

### **Implicações para a Prática**

Os serviços de acolhimento a crianças e jovens são locais que visam a sua proteção. Neste sentido cabe às instituições, não só colmatar as suas necessidades básicas, como promover a sua saúde mental e bem-estar emocional (Julião, 2020; Palacios et al., 2013).

Os programas de intervenção com crianças e jovens institucionalizados têm-se focado maioritariamente na prevenção dos fatores de risco resultantes do impacto emocional provocado pela institucionalização, tais como o programa Multidimensional Treatment Foster Care (MTFC), o programa Parent Management Training Oregon (PMTO), o programa Together Facing the Challenge (TFTC), o programa Incredible Years (IY), entre outros (Valin & Rocha, 2020).

Contudo, os estudos (Assouline & Attar-Schwartz, 2020; Erol et al., 2010; Marques & Stankjevicz, 2023; Oruzar et al., 2019) mais recentes suportam que as estratégias a implementar com estes jovens devem focar-se na análise dos fatores protetores. Seja porque se deu uma quebra de vínculo com a família de origem, ou porque a nova realidade obriga a adaptações a um novo espaço, rotinas, relações sociais e pessoais (Diniz et al., 2018), importa promover uma boa regulação das suas emoções e formas adequadas de ajuste à nova realidade.

Os estudos apontam para a importância do estabelecimento de novos vínculos a figuras de referência dentro da instituição (Costa et al., 2022; dos Santos et al., 2021; Hueche et al., 2019; Mota et al., 2023; Tereno & Matos, 2017) e este estudo reforça esta premissa. Neste sentido, é tão recomendável perceber a figura de referência a que cada jovem se

vincula, como supervisionar as experiências de vinculação de quem cuida (Machado, 2010).

Assim sendo, também é de extrema importância capacitar os cuidadores destes jovens, uma vez que, o cuidado de crianças e jovens institucionalizados acarreta uma série de exigências ao cuidador, nomeadamente suprir as suas necessidades físicas, psicológicas, emocionais e educacionais (Gabatz et al., 2019). Assim sendo, é importante capacitar estes cuidadores através de programas de intervenção. Neste sentido, o programa CARE torna-se relevante ao ter como objetivo a melhoria do cuidado institucional, proporcionando um ambiente mais seguro e estável. A implementação do programa envolve a formação e o treinamento de cuidadores residenciais, dando ênfase à criação de vínculos fortes e seguros com as crianças e melhorando o seu estado emocional (Izzo et al., 2016).

Apuramos ainda que a regulação emocional e os mecanismos de *coping* diferem consoante a idade, pelo que as estratégias a implementar deverão ser diferentes para crianças e pré-adolescentes, e para adolescentes mais velhos. Infere-se que para crianças e pré-adolescentes, é crucial trabalhar a aceitação de respostas emocionais negativas, enquanto para os adolescentes é importante promover o uso de estratégias ativas para lidar com situações estressantes. Em qualquer etapa do desenvolvimento, é essencial abordar a exteriorização de afetos negativos para melhorar a comunicação com os cuidadores. O programa "Strengthening Youth Networks and Coping (SYNC)", mostrou ser uma intervenção eficaz no fortalecimento da autoeficácia no recurso a estratégias de *coping* e no incentivo à procura de ajuda (Blakeslee et al., 2023). O programa implica uma avaliação inicial para perceber as necessidades dos jovens, de seguida são formados os grupos e é realizada uma sessão de introdução, o restante programa consiste em workshops e mentoria individualizada para aprenderem técnicas de *coping* eficazes. Outro programa eficaz é o "The Best of Coping (BOC)", que consiste em ajudar crianças e adolescentes no desenvolvimento de estratégias eficazes de *coping* para lidar com os desafios do dia a dia. O programa é composto por módulos e atividades que destacam a importância dessas habilidades no dia a dia (Frydenberg et al., 2007<sup>a</sup>; 2007<sup>b</sup>).

O presente estudo também ressaltou a necessidade de capacitar crianças e adolescentes para o estabelecimento de objetivos e de comportamentos direcionados a metas. Programas que envolvam a realização de tarefas desafiadoras podem ajudar esses jovens a resolver problemas e alcançar objetivos, promovendo emoções positivas quando bem-

sucedidos e desenvolvendo capacidades de enfrentamento perante as dificuldades (Rusk et al., 2013). Sendo a vinculação segura um fator protetor desta capacidade, infere-se a necessidade de, por meio de psicoeducação, encorajar o cuidador ao incentivo da criação de metas e objetivos e fomentar o reforço positivo.

Ressalva-se a importância de atender às crianças e adolescentes institucionalizados por maus-tratos, que demonstraram dificuldades na regulação emocional e maior impulsividade. São eficazes nesta matéria os programas de promoção de competências pessoais e sociais, focados na exploração de expectativas pessoais, na expressão emocional adequada, na comunicação eficaz, na conscientização sobre diferentes estilos de relacionamento, e nas técnicas de autocontrole, entre outras capacidades (Baptista et al., 2011). Neste sentido, o programa ERIC é uma iniciativa interessante para proporcionar às crianças e adolescentes as ferramentas necessárias para a regulação emocional e o controle de impulsos. Este programa tem por base abordagens psicoeducacionais, ajudando os jovens a desenvolverem habilidades essenciais para o manuseamento de suas emoções e comportamentos impulsivos (Hall et al., 2021).

Em suma, adaptar programas de intervenção para crianças e adolescentes institucionalizados é essencial para promover uma visão mais positiva da institucionalização e equipá-los com capacidades cruciais para o desenvolvimento emocional futuro. As estratégias a adotar devem enfatizar a melhoria da comunicação, um indicador crucial de vinculação segura conforme evidenciado neste estudo e salientado nos estudos neste domínio (Alcarão, 2006; Costa & Mota, 2012; Duchesne & Larose 2007; Machado & Fonseca, 2009).

### **Limitações e Sugestões para Estudos Futuros**

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados. Primeiramente, a amostra utilizada foi reduzida, o que limita a capacidade de generalizar os resultados para uma população mais ampla de crianças e adolescentes institucionalizados. Uma amostra maior seria necessária para validar e fortalecer as conclusões obtidas.

Além disso, a natureza transversal do estudo impede a determinação de causalidade entre as variáveis analisadas. Estudos longitudinais seriam mais apropriados para explorar

as relações dinâmicas ao longo do tempo entre a vinculação, as dificuldades na regulação emocional e as estratégias de *coping*.

Outra limitação significativa é o uso exclusivo de instrumentos de autorrelato. Embora esses instrumentos sejam úteis para obter percepções subjetivas dos participantes, eles podem estar sujeitos a vieses, como a desejabilidade social. A inclusão de múltiplos informantes, como cuidadores e professores, poderia fornecer uma perspectiva mais abrangente e reduzir potenciais vieses.

Portanto, estudos futuros devem ter em consideração essas limitações. A inclusão de amostras maiores e mais representativas, a utilização de desenhos longitudinais, a aplicação de métodos de coleta de dados múltiplos e a melhoria das traduções e adaptações dos instrumentos são passos importantes para o fortalecimento da base teórica neste contexto. Estudos futuros deverão ainda continuar a explorar as dimensões da vinculação, com particular atenção, uma vez que, no presente estudo se revelaram promissoras de uma melhor compreensão da vinculação.

## **Conclusão**

Apesar das limitações inerentes ao presente estudo, os resultados obtidos proporcionaram contribuições significativas para o avanço teórico do estudo de crianças e adolescentes institucionalizados. Este estudo enfatiza o papel crucial das dimensões da vinculação nas dificuldades de regulação emocional e nas estratégias de *coping* observadas em crianças e adolescentes institucionalizados. A importância de estabelecer um vínculo seguro com uma figura de referência dentro da instituição é salientada, de modo que o ambiente institucional seja percebido de forma positiva por esses jovens.

A presente investigação permitiu a discussão de ações preventivas e interventivas específicas para o contexto institucional. Entre as possíveis ações, destaca-se a criação de programas de intervenção focados na promoção de competências de *coping* adaptativo e de regulação emocional, tendo sempre inerente a promoção da comunicação com a figura cuidadora. A implementação dessas ações pode promover a vinculação segura dentro das instituições de acolhimento, diminuir as dificuldades de regulação emocional identificadas neste estudo e potencializar a utilização de estratégias de *coping* eficazes. Estas intervenções têm o potencial de melhorar significativamente a qualidade de vida de crianças e adolescentes em contextos institucionais.

Em suma, este estudo sublinha a necessidade de intervenções estruturadas e contínuas que visem a promoção de vínculos seguros e o fortalecimento das competências emocionais e de *coping* em crianças e adolescentes institucionalizados.

### Referências:

- Abrunhosa, F., Novo, R., & Prada, A. R. R. (2024). Olhares retrospectivos de adultos ex-acolhidos face ao acolhimento residencial. *EduSer*, 1-12.  
<https://doi.org/10.34620/eduser.v16i1.248>
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (3ª ed). Coimbra: Quarteto
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319–335). The Guilford Press.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de psicologia (Natal)*, 3, 273-294.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>
- Armsden, G. & Greenberg, M. (1987<sup>a</sup>). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-454.
- Aspinwall, L. G. (2001). Dealing with adversity: Self-regulation, coping, adaptation, and health. In A. Tesser & N. Schwarz (Eds.), *The blackwell handbook of social psychology* (pp. 591-614). Malden, MA: Blackwell
- Assouline, A. A. H., & Attar-Schwartz, S. (2020). Staff support and adolescent adjustment difficulties: The moderating role of length of stay in the residential care setting. *Children and Youth Services Review*, 110, 104-761.  
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104761>
- Bakermans-Kranenburg, M., Dobrova-Krol, N., & van IJzendoorn, M. (2011). Impact of institutional care on attachment disorganization and insecurity of Ukrainian pre-schoolers: Protective effect of the long variant of the serotonin transporter gene (5HTT). *International Journal of Behavioral Development*, 36(1), 11–18. <https://doi.org/10.1177/0165025411406858>
- Baptista, N. J., Monteiro, C. A., Silva, M. O., Santos, F. C., & Sousa, I. S. (2011). Programa de Promoção de Competências Sociais: Intervenção em grupo com alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0239.pdf>.
- Blakeslee, J. E., Kothari, B. H., & Miller, R. A. (2023). Intervention development to improve foster youth mental health by targeting coping self-efficacy and help-

- seeking. *Children and youth services review*, 144, 106753.  
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2022.106753>
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: Separação: Angústia e raiva* (vol. 2). São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1985). The role of childhood experience in cognitive disturbance. In *Cognition and psychotherapy* (pp. 181-200). Boston, MA: Springer US.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, (vol. I): Attachment. New York: Basic Books
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 273–308). The University of Chicago Press.
- Calcing, J., & da Cruz Benetti, SP (2014). Caracterização da saúde mental de crianças e adolescentes em acolhimento institucional. *Psico*, 45(4), 559-567.  
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.13629>
- CASA 2022 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (2023). Instituto da Segurança Social, I.P.
- Cassidy, J. (2016). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (3<sup>a</sup>ed., pp. 3–22). The Guilford Press. <https://doi.org/10.1080/02643944.2018.1429117>
- Carr, A., Duff, H., & Craddock, F. (2018). A systematic review of reviews of the outcome of severe neglect in underresourced childcare institutions. *Trauma, Violence & Abuse*, 21(3), 484–497. <https://doi.org/10.1177/1524838018777788>
- Clauss K., Bardeen J. R., Thomas K., Benfer N. (2020). The interactive effect of emotional reactivity and maladaptive metacognitive beliefs on anxiety. *Cognition and Emotion*, 34(2), 393–401. <https://doi.org/10.1080/02699931.2019.1625752>
- Cohn D. A. (1990). Child-mother attachment of six-year-olds and social competence at school. *Child Development*, 61(1), 152–162. <https://doi.org/10.2307/1131055>
- Cole, P. M., & Hollenstein, T. (2018). *Emotion Regulation*. Routledge, New York.  
<https://doi.org/10.4324/9781351001328>
- Compas, B. E. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 127(1), 87-127.

- Compas, B. E., Forsythe, C. J., & Wagner, B. M. (1988). Consistency and variability in causal attributions and coping with stress. *Cognitive therapy and research*, *12*, 305-320. <https://doi.org/10.1007/BF01176192>
- Costa, M., & Mota, C. P. (2012). Configuração familiar, género e coping em adolescentes: Papel dos pares. *Psicologia em Estudo*, *17*, 567-575. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000400003>
- Costa, M., Tagliabue, S., Matos, P. M., & Mota, C. P. (2020). Stability and change in adolescents' well-being: The role of relationships with caregivers in residential care. *Children and Youth Services Review*, *119*. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105567>
- Costa, M., Tagliabue, S., Melim, B., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2022). Adolescents' attachment, quality of relationships with residential caregivers, and emotion regulation. *Journal of adolescence*, *94*(5), 703-717.
- Dell'Aglio, D. D., & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de coping de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Psicologia USP*, *13*, 203-225. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642002000200012>
- Del Giudice M. (2018). Sex differences in attachment styles. *Current opinion in psychology*, *25*(2), 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.004>
- Diniz, I. A., Assis, M. O., & de Souza, M. F. S. (2018). Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socio-afetivo. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, *3*(5), 261-285.
- Domingos, R., Carapeto, M. J., & Veiga, G. (2018, November). Vinculação e desajustamento emocional em adolescentes. In *Multiple approaches to the study and intervention in stress. Proceedings of the International Seminar. Évora, Portugal*.
- dos Santos Cassol, M., da Rocha, A. A., & Maciel, E. F. (2021). A importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento de crianças institucionalizadas. *Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia*, *1*(4), 760-786.
- Duchesne, S., & Larose, S. (2007). Adolescent parental attachment and academic motivation and performance in early adolescence 1. *Journal of Applied Social Psychology*, *37*(7), 1501-1521. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2007.00224.x>
- Duckworth, A. L., Gendler, T. S., & Gross, J. J. (2016). Situational strategies for self-control. *Perspectives on Psychological Science*, *11*(1), 35–55. <https://doi.org/10.1177/1745691615623247>

- El-Aziz, A., Abdallah, R., Abdel-Kader, N. M., Mohamed, A. A., & Mohamed, S. M. (2017). Stressors and Coping Strategies of Institutionalized Adolescents at Minia Governorate. *Minia Scientific Nursing Journal*, *1*(1), 27-37.
- Erol, N., Simsek, Z., & Munir, K. (2010). Mental health of adolescents reared in institutional care in Turkey: Challenges and hope in the twenty-first century. *European Child & Adolescent Psychiatry*, *19*(2), 113–124. <https://doi.org/10.1007/s00787-009-0047-2>
- Eschenbeck, H., Kohlmann, C. W., & Lohaus, A. (2007). Gender differences in coping strategies in children and adolescents. *Journal of individual differences*, *28*(1), 18-26.
- Fearon, R. P., & Roisman, G. I. (2017). Attachment theory: progress and future directions. *Current opinion in psychology*, *15*, 131-136. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.002> Get rights and content
- Fermino, S., & de Lima, D. B. (2023). Análise das condições psíquicas de crianças e adolescentes submetidos à institucionalização. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, *12*, e4675-e4675. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.2023.e4675>
- Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Freitas, A. L., & Downey, G. (1998). Resilience: A dynamic perspective. *International journal of behavioral development*, *22*(2), 263-285.
- Frydenberg, E., & Brandon, C. M. (2007a). *The best of coping: developing coping skills for adolescents*. Facilitator's guide. Victoria: ACER Press.
- Frydenberg, E., & Brandon, C. M. (2007b). *The best of coping: developing coping skills for adolescents*. Student workbook. Victoria: ACER Press.
- Gabatz, R. I. B., Schwartz, E., & Milbrath, V. M. (2019). Experiências de cuidado da criança institucionalizada: o lado oculto do trabalho. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, *40*. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180412>
- Garcia Quiroga, M., & Hamilton-Giachritsis, C. (2016, August). Attachment styles in children living in alternative care: A systematic review of the literature. In *Child & youth care forum* (vol. 45, pp. 625-653). Springer US. <https://doi.org/10.1007/s10566-015-9342-x>
- Gaskell, C. (2010). If the social worker had called at least it would show they cared. Young care leavers' perspectives on the importance of care. *Children and Society*, *24*(2), 136–147. <https://doi.org/10.1111/j.1099-0860.2009.00214.x>

- George, C., & Solomon, J. (1989). Internal working models of caregiving and security of attachment at age six. *Infant Mental Health Journal*, *10*(3), 222-237. [https://doi.org/10.1002/1097-0355\(198923\)10:3<222::AID-IMHJ2280100308>3.0.CO;2-6](https://doi.org/10.1002/1097-0355(198923)10:3<222::AID-IMHJ2280100308>3.0.CO;2-6)
- Godor, B. P., van der Horst, F. C., & Van der Hallen, R. (2024). Unravelling the roots of emotional development: Examining the relationships between attachment, resilience and coping in young adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, *44*(4), 429-457. <https://doi.org/10.1177/0272431623118187>
- Guerra, L. L. D. L., & Prette, Z. A. P. D. (2020). Habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças sob acolhimento institucional. *Psico-USF*, *25*, 273-284. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250206>
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *26*(1), 41–54. <https://doi.org/10.1023/B:JOBA.00000007455.08539.94>
- Gross, J. J. (1999). Emotion Regulation: Past, Present, Future. *Cognition & Emotion*, *13*(5), 551–573. <https://doi.org/10.1080/026999399379186>
- Hall, K., Youssef, G., Simpson, A., Sloan, E., Graeme, L., Perry, N., ... & Staiger, P. K. (2021). An emotion regulation and impulse control (ERIC) intervention for vulnerable young people: A multi-sectoral pilot study. *Frontiers in psychology*, *12*, 554100. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.554100>
- Hollenstein, T., & Loughheed, J. P. (2013). Beyond storm and stress: Typicality, transactions, timing, and temperament to account for adolescent change. *American Psychologist*, *68*(6), 444-454. <https://doi.org/10.1037/a0033586>
- Howard, M. S., & Medway, F. J. (2004). Adolescents' attachment and coping with stress. *Psychology in the Schools*, *41*(3), 391-402. <https://doi.org/10.1002/pits.10167>
- Hueche, C., Lagos, G., Ríos, N., Silva, E., & Alarcón-Espinoza, M. (2019). Laços afetivos em adolescentes institucionalizados, Chile. *Revista latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud*, *17*(2), 393-412. <https://doi.org/10.11600/1692715x.17217>
- Izzo, C. V., Smith, E. G., Holden, M. J., Norton, C. I., Nunno, M. A., & Sellers, D. E. (2016). Intervening at the setting level to prevent behavioral incidents in residential child care: Efficacy of the CARE program model. *Prevention Science*, *17*(5), 554–564. <https://doi.org/10.1007/s11121-016-0649-0>

- Jorgensen, R. S., & Dusek, J. B. (1990). Adolescent adjustment and coping strategies. *Journal of personality*, 58(3), 503-513. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1990.tb00240.x>
- Julião, C. H. (2020). A promoção da saúde de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: desafios e perspectivas. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 3, 1033-1041.
- Kim, J., & Cicchetti, D. (2010). Longitudinal pathways linking child maltreatment, emotion regulation, peer relations, and psychopathology. *Journal of child psychology and psychiatry*, 51(6), 706-716. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2009.02202.x>
- Knowles, C. (2019). Safeguarding Children Partnership Neglect Strategy 2019-2021.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). Stress, appraisal, and coping. New York: Springer.
- Lemos, S. C. A., Gechele, H. H. L., & Andrade, J. V. (2017). Os vínculos afetivos no contexto de acolhimento institucional: Um estudo de campo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 110. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3334>
- Lima, L., Lemos, M. S., & Guerra, M. P. (2002). Estudo das qualidades psicométricas do SCSI (Schoolagers' Coping Strategies Inventory) numa população portuguesa. *Análise Psicológica*, 20(4), 555-570. <https://doi.org/10.14417/ap.20>
- Lionetti, F., Pastore, M., & Barone, L. (2015). Attachment in institutionalized children: a review and meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 42, 135–145. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.02.013>
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: Será significativa a relação com os pais?. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 461-467.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115. <https://hdl.handle.net/10316/15053>
- Machado, V. R. (2011). A atual política de acolhimento institucional à luz do estatuto da criança e do adolescente. *Serviço Social em Revista*, 13(2), 143-169. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2011v13n2p143>
- Marques, D., Esteves, S., & Fuertes, M. (2021). Qualidade da vinculação e desenvolvimento de crianças em acolhimento residencial. *Teoria, práticas e investigação em intervenção precoce II*, 101-123. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.118>

- Marques, C. P. R., & Stankiewicz, A. C. L. (2023). Desenvolvimento socio afetivo do adolescente institucionalizado e as competências socio emocionais. *Anais de iniciação científica*, 20(20).
- Matas L., Arend R. A., Sroufe L. A. (1978). Continuity of adaptation in the second year: The relationship between quality of attachment and later competence. *Child Development*, 49(3), 547–556. <https://doi.org/10.2307/1128221>
- Matos, B., Aguiar, C., Martins, C., Gama, I., Pires, L., Dias, J., Costa, J. & Queirós, S. (2015). *Acolhimento Terapêutico: pistas de intervenção para profissionais*. Lisboa: Casa Pia.
- Moos, R. H., & Schaefer, J. A. (1993). Coping resources and processes: Current concepts and measures. In L. Goldberger & S. Breznitz (Eds.), *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects* (2nd ed., pp. 234–257). Free Press.
- Mota, CP, Gonçalves, T., Carvalho, H., & Costa, M. (2023). Apego, regulação emocional e percepção do ambiente institucional em adolescentes em contexto de acolhimento residencial. *Revista de Serviço Social da Criança e do Adolescente*, 40(1), 71-80.
- Mota, C. P., Gonçalves, T., Carvalho, H., & Costa, M. (2024). The role of attachment in the life aspirations of portuguese adolescents in residential care: the mediating effect of emotion regulation. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 41(1), 33-42. <https://doi.org/10.1007/s10560-022-00825-9>
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência–IPPA. *Testes e provas psicológicas em Portugal*, 2, 37-48.
- Neves, S., Martins, E., Magalhães, C., & Mendes, F. (2016). Institucionalização, regulação emocional e satisfação com a vida numa amostra de adolescentes portugueses. <http://hdl.handle.net/11067/3505>
- Niec, L. N., & Russ, S. W. (2002). Children's internal representations, empathy and fantasy play: A validity study of the SCORS-Q. *Psychological Assessment*, 14(3), 331–338. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.14.3.331>
- Oriol, X., Sala-Roca, J., & Filella, G. (2014). Emotional competences of adolescents in residential care: Analysis of emotional difficulties for intervention. *Children and Youth Services Review*, 44, 334–340. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.06.009>
- Oruzar, H., Miranda, R., Oriol, X., & Montserrat, C. (2019). Self-control and subjective wellbeing of adolescents in residential care: The moderator role of experienced

- happiness and daily-life activities with caregivers. *Children and Youth Services Review*, 98, 125–131. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2018.12.021>
- Pais Ribeiro, J. L. (2005). Introdução à psicologia da saúde. Coimbra: Quarteto.
- Palacios, J., Moreno, C., & Román, M. (2013). Social competence in internationally adopted and institutionalized children. *Early Childhood Research Quarterly*, 28(2), 357-365. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2012.08.003>
- Pasian, S. & Jacquemin, A. (1999). O auto-retrato em crianças institucionalizadas. *Paidéia*, 9, 50-60.
- Parra, A. C. D. O., Oliveira, J. A. D., & Maturana, A. P. M. (2019). La paradoja de la institucionalización de niños: ¿protección o riesgo?. *Psicologia em Revista*, 25(1), 155-175. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p155-175>
- Parrigon, K. S., Kerns, K. A., Abtahi, M. M., & Koehn, A. (2015). Attachment and Emotion in Middle Childhood and Adolescence. *Psychological Topics*, 27-50.
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 27(4), 509-521. <https://doi.org/10.14417/ap.244>
- Pinto, H. M., Carvalho, A. R., & Sá, E. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: Estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 32, 387-400. <http://hdl.handle.net/10400.12/3963>
- Ramalhais, T. F., Nunes, L. F. L., da Silva, G. D. F. B., & Cardoso, F. B. (2020). A importância da estimulação precoce na primeira infância com crianças institucionalizadas. *Brazilian Journal of Development*, 6(8), 55083-55096. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-068>
- Rijavec, M., & Brdar, I. (2002). Coping with school failure and self-regulated learning. *European journal of psychology of education*, 17, 177-194. <https://doi.org/10.1007/BF03173257>
- Rocha, M., Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: O papel mediador da auto-estima. <http://hdl.handle.net/10400.14/14509>
- Rodrigues, L. H. F., & Prebianchi, H. B. (2021). Estresse e estratégias de enfrentamento em crianças e adolescentes em acolhimento institucional em casas lares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e192765. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192765>

- Rossetti-Ferreira, M. C., Almeida, I. G., Costa, N. R. A., Guimarães, L. A., Mariano, F. N., Teixeira, S. C. P., & Serrano, S. A. (2012). Acolhimento de crianças e adolescentes em situações de abandono, violência e rupturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 390-399. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200021>
- Rudolph, K. D., & Hammen, C. (1999). Age and gender as determinants of stress exposure, generation, and reactions in youngsters: A transactional perspective. *Child development*, 70(3), 660-677.
- Rusk, N., Larson, R. W., Raffaelli, M., Walker, K., Washington, L., Gutierrez, V., ... & Perry, S. C. (2013). Positive youth development in organized programs: How teens learn to manage emotions. *Research, applications, and interventions for children and adolescents: A positive psychology perspective*, 247-261.
- Rutherford, H. J., Wallace, N. S., Laurent, H. K., & Mayes, L. C. (2015). *Emotion regulation in parenthood*. *Developmental Review*, 36, 1-14. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2014.12.008>
- Ryan-Wenger, N. M. (1990). Development and psychometric properties of the Schoolagers' Coping Strategies Inventory. *Nursing research*, 39(6), 344-349.
- Scivoletto, S., Boarati, M. A., & Turkiewicz, G. (2010). Emergências psiquiátricas na infância e adolescência. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 32, S112-S120.
- Seiffge-Krenke, I. (2000). Causal links between stressful events, coping style and adolescent symptomatology. *Journal of Adolescence*, 23, 675- 691. <https://doi.org/10.1006/jado.2000.0352>
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment and Human Development*, 4, 133-161. <https://doi.org/10.1080/14616730210154171>
- Shipman, K. L., Scnieder, R., Fitzgerald, M. M., Sims, C., Swisher, L., & Edwards, A. (2007). Maternal emotion socialization in maltreating and non-maltreating families: Implications for children's emotion regulation. *Social Development*, 16, 268-285. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00384.x>
- Silva, E. R. A. D. C. (2004). O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3050>
- Silva, M. C., Fiamenghi-Jr, G. A., Martins, J. T., Martins, N. T., & Xavier, M. F. (2020). Importância das cuidadoras na constituição psíquica de crianças

- institucionalizadas. *DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 7(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.20873/uftv7-5225>
- Silva, R. D. C. R., dos Santos, C. T. O., da Silva Santos, M. A., Vieira, A. C. S., Lúcio, I. M. L., Ferreira, A. L. C., & de Farias Moreira, R. T. (2021). Desenvolvimento infantil da criança institucionalizada. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 15-15.
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Nelligan, J.S. (1992). Seeking support and support giving within couples in an anxiety-provoking situation. The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 434–446.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (1994). Stress and secure base relationships in adulthood. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (pp. 181–204). Jessica Kingsley Publishers.
- Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 26, 407-415. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300003>
- Skinner, E., & Edge, K. (1998). Introduction to the special section: coping and development across the lifespan. *International journal of behavioral development*, 22(2), 225-230. <https://doi.org/10.1080/016502598384342>
- Skinner, E. A., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2016). The development of coping. *Annual Review of Psychology*, 58. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-41740-0>
- Sousa, R., Linhares, M., Silva, D. R. D., & Rijo, D. (2023). The difficulties in emotion regulation scale: Dimensionality, measurement invariance, and physiological correlates in community adolescents. *Journal of Clinical Psychology*, 79(10), 2351-2363 <https://doi.org/10.1002/jclp.23553>
- Steward, R.J., Jo, H., Murray, D., Fitzgerald, W., Neil, D., Fear, F., & Hill, M. (1998). Psychological adjustment and coping styles of African American urban high school students. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 26, 2, 70–82.
- Suls, J., David, J. P., & Harvey, J. H. (1996). Personality and coping: Three generations of research. *Journal of personality*, 64(4), 711-735. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1996.tb00942.x>
- Tan, R., Yang, Y., Huang, T., Lin, X., & Gao, H. (2023). Parent–child attachment and mental health in young adolescents: a moderated mediation analysis. *Frontiers in Psychology*, 14, 1298485. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1298485>

- Teixeira, A. C. B., & de Carvalho Rettore, A. C. (2017). Os reflexos do conceito de família extensa no direito de convivência e no direito de visitas. *Civilistica.com*, 6(2), 1-20.
- Tereno, S., & Matos, I. (2017). Contributos da teoria da vinculação para a prática clínica desenvolvimental. *Análise Psicológica*, 35(4), 409-423.  
<http://hdl.handle.net/10400.12/6047>
- Valin, T. A. F., & da Rocha, G. V. M. (2021). Intervenções com crianças e adolescentes em acolhimento institucional: uma revisão sistemática. *Psicologia Argumento*, 39(103), 75-97. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO04>
- Van IJzendoorn, M. H., Palacios, J., Sonuga-Barke, E. J. S., Gunnar, M. R., Vorria, P., McCall, R. B., & Juffer, F. (2011). Children in institutional care: Delayed development and resilience. In R. B. McCall, M. H. IJzendoorn, F. Juffer, C. J. Groark, & V. K. Groza (Eds.), *Children without permanent parents: Research, practice and policy* (Vol. 76, pp. 8–30). Monographs of the Society for Research in Child Development. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5834.2011.00626.x>
- Van der Helm, P., Boekee, I., Stams, G. J., & Van der Laan, P. (2011). Fear is the key: Keeping the balance between flexibility and control in a Dutch youth prison. *Journal of Children's Services*, 6(4), 248–263. <https://doi.org/10.1108/17466661111190947>
- Vygotski, L. S. (2006). Desarrollo de los intereses en la edad de transición. *LS Vigotski, Obras escogidas*.
- Zegers, M. A. M. (2007). *Attachment among institutionalized adolescents: Mental representations, therapeutic relationships and problem behavior (PhD Dissertation)*. Vrije Unirsiteit.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2011). The development of coping across childhood and adolescence: An integrative review and critique of research. *International Journal of Behavioral Development*, 35(1), 1-17.  
<https://doi.org/10.1177/0165025410384923>



## Anexo A

### *Consentimento Informado*



#### Consentimento Informado

Código | IMP-EM-PE-17\_03

Monte de Caparica, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

Exmo.(a) Sr.(a),

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica da Saúde na Unidade Curricular de Seminário de Dissertação da Egas Moniz School of Health & Science, sob a orientação da Professora Doutora Patrícia Gouveia e coorientação da Professora Doutora Elisa Castro, solicita-se autorização para a participação no estudo “Vinculação institucional em crianças e adolescentes: Desvendando as dificuldades na regulação emocional e os estilos de coping”, com crianças e adolescentes dos 8 aos 17 anos de idade, com o objetivo principal de perceber se o estabelecimento, de nova relação de vinculação na instituição de acolhimento é preditor de dificuldades na regulação emocional e quais as estratégias de coping utilizadas para fazer face a situações stressantes decorrentes do quotidiano na instituição.

A participação consiste no preenchimento presencial de instrumentos de avaliação psicológica, nomeadamente: o Questionário Sociodemográfico (Idade; Sexo Biológico; Nacionalidade) e familiares (Contacto com a Família; Irmãos Institucionalizados); o Inventário da Vinculação na Adolescência - IPPA, será pedido ao inquirido que pense na sua figura de vinculação dentro da instituição, a fim de aferir a qualidade das vinculações institucionais na perspetiva das crianças/adolescentes; a Escala de Dificuldades na Regulação Emocional - Versão Adolescentes (EDRE-VA), permite avaliar múltiplos aspetos das dificuldades na regulação emocional; e o Schoolagers' Coping Strategies Inventory (SCSI), avalia a perceção dos estilos de coping utilizados perante um acontecimento stressante. O preenchimento dos instrumentos de avaliação psicológica, tem duração aproximada de 10 minutos.

O presente estudo pretende dar contributos para a prática. Por um lado, para a prática clínica e na intervenção individual com crianças e jovens. Por outro lado, para a própria instituição de acolhimento, contribuindo para uma melhor compreensão destes jovens e das suas reações, permitindo o fortalecimento do vínculo e assim facilitando a regulação emocional.

A informação recolhida destina-se unicamente a tratamento estatístico e/ou publicação e será tratada pelo(s) orientador(es) e/ou pelos seus mandatados. A sua recolha é anónima e

## Consentimento Informado

Código | IMP-EM-PE-17\_03

confidencial, sendo os dados utilizados unicamente para o presente estudo. Este estudo segue criteriosamente as orientações da Declaração de Helsínquia.

A participação neste estudo é voluntária. A sua não participação não lhe trará qualquer prejuízo, pelo que poderá desistir a qualquer momento, sem que essa decisão lhes acarrete qualquer prejuízo.

Para mais informações ou esclarecimentos adicionais, poderá contactar as investigadoras responsáveis através de: [114091@alunos.egasmoniz.edu.pt](mailto:114091@alunos.egasmoniz.edu.pt); [pgouveia@egasmoniz.edu.pt](mailto:pgouveia@egasmoniz.edu.pt); [ecastro@egasmoniz.edu.pt](mailto:ecastro@egasmoniz.edu.pt).

*(Riscar o que não interessa)*

**ACEITO/NÃO ACEITO** que o meu educando participe neste estudo, confirmando que fui esclarecido sobre as condições do mesmo e que não tenho dúvidas.

---

*(Assinatura do participante ou, no caso de menores, do tutor legal)*

## Anexo B

### *Declaração de Autorização de Recolha e Tratamento de Dados*



#### Declaração de Autorização

Recolha e Tratamento de Dados

#### DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

Eu \_\_\_\_\_, diretor(a) do(a) \_\_\_\_\_, declaro que autorizo a aluna Daniela Nunes, estudante do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Egas Moniz School of Health and Science, a recolher dados junto de crianças e adolescentes dos 8 anos aos 17 anos para fins de tratamento estatístico e publicação da sua dissertação de mestrado intitulada de “Vinculação institucional em crianças e adolescentes: Desvendando as dificuldades na regulação emocional e os estilos de coping”.

Este trabalho tem como objetivo principal perceber se o estabelecimento, ou não, de nova relação de vinculação na instituição de acolhimento é preditor de dificuldades na regulação emocional e quais as estratégias de coping utilizadas para fazer face a situações stressantes decorrentes do quotidiano na instituição. O presente estudo será supervisionado por Prof. Doutora Patrícia Gouveia e Coorientado por Prof. Doutora Elisa Castro.

Declaro que fui informado(a) que a recolha de dados será anónima e confidencial, sendo esta realizada mediante o consentimento informado preenchido pelos responsáveis legais dos jovens participantes.

Assinatura,

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Anexo C**  
***Protocolo dos Instrumentos***



EGAS MONIZ SCHOOL  
of HEALTH & SCIENCE

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo biológico
  - Feminino
  - Masculino
3. Nacionalidade
  - Portuguesa
  - Dupla Nacionalidade (Portuguesa e outra)
  - Outra:
4. Frequento o:
  - 1º Ciclo (3º ao 4º ano)
  - 2º Ciclo (5º ao 6º ano)
  - 3º Ciclo (7º ao 9º ano)
  - 3º Ciclo (curso profissional)
  - Ensino Secundário (10º a 12º ano)
  - Ensino secundário (curso profissional)
5. Onde vivia anteriormente:
  - Noutra instituição
  - Em casa de familiares
6. Com quem vivia:
  - Mãe e Pai
  - Mãe
  - Pai
  - Avós
  - Outros
7. Contacto com a família:
  - Sim
  - Não
8. Irmãos institucionalizados:
  - Sim
  - Não
9. Motivo da institucionalização:
  - Negligência (abandono, mendicidade e exposição à violência intraconjugal)
  - Maltrato físico, psicológico/emocional e sexual
  - Delinquência
  - Outros
10. Tempo de institucionalização: \_\_\_\_\_

11. Qual é o funcionário mais importante para ti dentro da instituição? \_\_\_\_\_

Por favor, crie um código alfanumérico de acordo com as respostas às seguintes questões:

1ª. Primeira letra do teu primeiro nome?

2ª. Dia em que nasceste?

3ª. Segunda letra do primeiro nome do funcionário que escolheste?

4ª. Mês em que nasceste?

Por exemplo, **M2005** (**M**-Maria; **20**-Dia 20; **O**-Conceição; **5**-Mês de Maio) (Por favor não escrevas mais nenhuma informação adicional, apenas o código)

Por favor, adiciona o código de acordo com as questões acima mencionadas.

A tua resposta: \_\_\_\_\_

### INVENTÁRIO SOBRE A VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA (IPPA)

Este inventário procura avaliar as relações atuais com pessoas significativas dentro da instituição a que pertencem, nomeadamente, funcionários da instituição.

Uma figura de vinculação é alguém com quem os indivíduos possuem um laço afetivo que é fortalecido através do espaço e do tempo. Tendencialmente procuramos essa figura de vinculação em caso de necessidade.

Neste sentido pedimos que penses na pessoa dentro desta instituição que consideras ser a tua figura de vinculação e responde às afirmações, escolhendo aquela que consideras mais verdadeira para ti. Por favor, lê cada afirmação cuidadosamente e marca uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento consideras mais verdadeira. No fim, certifica-te que respondeste a todas as afirmações.

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1. A minha figura de vinculação de referência respeita os meus sentimentos.					
2. Acho que a minha figura de vinculação de referência é uma boa profissional.					
3. Gostava de ter uma figura de vinculação de referência diferente da que tenho.					
4. A minha figura de vinculação de referência aceita-me tal como sou.					

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
5. Gosto sempre de saber a opinião da minha figura de vinculação de referência sobre coisas que são importantes para mim.					
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos à minha figura de vinculação de referência.					
7. Mesmo quando estou fora de mim, sou capaz de escutar o que a minha figura de vinculação de referência me queira dizer.					
8. Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas à minha figura de vinculação de referência.					
9. A minha figura de vinculação de referência espera demasiado de mim.					
10. Perco a cabeça facilmente com a minha figura de vinculação de referência.					
11. Fico fora de mim mais frequentemente do que a minha figura de vinculação de referência pensa.					
12. Quando conversamos sobre qualquer assunto, a minha figura de vinculação de referência tem em devida conta as minhas opiniões.					
13. A minha figura de vinculação de referência confia na minha capacidade de ajuizar as coisas.					
14. Não aborreço a minha figura de vinculação de referência com os meus problemas, pois ela já tem os dela.					
15. A minha figura de vinculação de referência ajuda-me a eu compreender-me melhor a mim próprio.					

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
16. Costumo falar à minha figura de vinculação de referência dos meus problemas ou complicações.					
17. A minha figura de vinculação de referência irrita-me.					
18. A minha figura de vinculação de referência não me dá muita atenção.					
19. A minha figura de vinculação de referência ajuda-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.					
20. A minha figura de vinculação de referência compreende-me.					
21. Quando me irrita com qualquer coisa a minha figura de vinculação de referência procura ser compreensiva.					
22. Confio na minha figura de vinculação de referência.					
23. A minha figura de vinculação de referência não compreende o que é a minha vida.					
24. Posso contar com a minha figura de vinculação de referência quando preciso de me ver livre de algum peso que tenho dentro de mim.					
25. Quando a minha figura de vinculação de referência percebe que tenho alguma coisa que me aborrece, pergunta-me sempre o que tenho.					

**ESCALA DE DIFICULDADES NA REGULAÇÃO EMOCIONAL – VERSÃO ADOLESCENTES (EDRE-VA)**

Estamos interessados em perceber como as pessoas lidam com as suas emoções.

Lembra-te de que não há respostas certas nem erradas.

Lê cuidadosamente cada afirmação e indica com que frequência cada uma das seguintes afirmações se aplica a ti, utilizando a escala abaixo e pensando no último mês.

Quase nunca (0-10%)	Algumas vezes (11-35%)	Metade das vezes (36-65%)	A maioria das vezes (66-90%)	Quase sempre (91-100%)
1	2	3	4	5

	1	2	3	4	5
1. Sou capaz de perceber as minhas emoções de forma clara.					
2. Presto atenção àquilo que estou a sentir.					
3. Sinto as minhas emoções de modo muito intenso e tenho dificuldade em controlá-las.					
4. Tenho muita dificuldade em perceber como me sinto.					
5. Tenho dificuldade em entender os meus sentimentos.					
6. Sou uma pessoa atenta aos meus sentimentos.					
7. Sei exatamente aquilo que estou a sentir.					
8. Dou importância àquilo que sinto.					
9. Sinto-me confuso/a em relação àquilo que sinto.					
10. Quando estou chateado/a, apercebo-me das minhas emoções.					
11. Quando estou chateado/a, fico zangado/a comigo mesmo/a por me sentir assim.					
12. Quando estou chateado/a, fico atrapalhado/a por me sentir assim.					
13. Quando estou chateado/a, tenho dificuldade em concluir tarefas ou trabalhos.					
14. Quando estou chateado/a, fico fora de controlo.					
15. Quando estou chateado/a, tenho tendência a pensar que vou ficar assim por muito tempo.					
16. Quando estou chateado/a, acredito que vou acabar por ficar muito deprimido/a.					
17. Quando estou chateado/a, acredito que os meus sentimentos são válidos e importantes.					

	1	2	3	4	5
18. Quando estou chateado/a, tenho dificuldades em focar a minha atenção noutras coisas.					
19. Quando estou chateado/a, sinto que perco o controlo sobre mim próprio/a.					
20. Mesmo quando estou chateado/a, continuo a ser capaz de fazer as coisas.					
21. Quando estou chateado/a, sinto vergonha de mim mesmo/a por me sentir assim.					
22. Quando estou chateado/a, sei que vou acabar por descobrir uma maneira de me sentir melhor.					
23. Quando estou chateado/a, sinto-me um/a fraco/a.					
24. Quando estou chateado/a, sinto que continuo a poder controlar os meus comportamentos.					
25. Quando estou chateado/a, sinto-me culpado/a por me sentir assim.					
26. Quando estou chateado/a, tenho dificuldade em concentrar-me.					
27. Quando estou chateado/a, tenho dificuldades em controlar os meus comportamentos.					
28. Quando estou chateado/a, acredito que não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor.					
29. Quando estou chateado/a, fico irritado/a comigo mesmo/a por me sentir assim.					
30. Quando estou chateado/a, começo a sentir-me muito mal comigo próprio/a.					
31. Quando estou chateado/a, acredito que a única coisa que eu posso fazer é afundar-se nesse estado.					
32. Quando estou chateado/a, perco o controlo sobre os meus comportamentos.					
33. Quando estou chateado/a, tenho dificuldade em pensar noutra coisa qualquer.					
34. Quando estou chateado/a, dedico algum tempo para tentar perceber o que realmente estou a sentir.					
35. Quando estou chateado/a, demoro muito tempo até me sentir melhor.					
36. Quando estou chateado/a, sinto que as minhas emoções são demasiado intensas.					

**VERSÃO PORTUGUESA DO SCHOOLAGERS' COPING STRATEGIES INVENTORY**

Alguns meninos(as)/jovens, quando se sentem ansiosos, nervosos, ou preocupados com um problema, fazem algumas das coisas que estão em seguida descritas. Indica (fazendo uma cruz) QUANTAS VEZES tu fazes cada uma destas coisas. Depois, indica (também com uma cruz) QUANTO é que cada coisa te ajuda a sentires-te melhor quando tu estás nervoso ou preocupado.

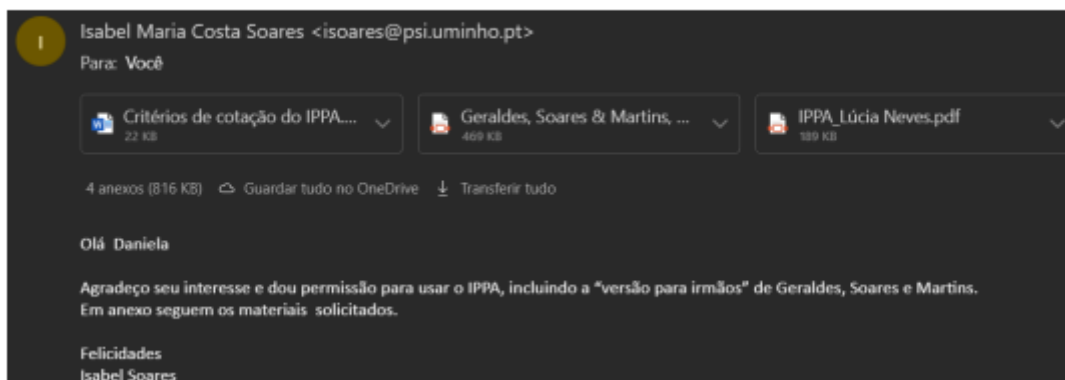
	QUANTAS VEZES FAZES ISTO?				QUANTO É QUE ISTO TE AJUDA?			
	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
1. Ficar sozinho, comigo mesmo.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
2. Fazer festinhas no meu animal de estimação ou peluche.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
3. Chorar ou ficar triste.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
4. Pensar em coisas boas.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
5. Fazer alguma coisa para resolver o problema.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
6. Entreter-me com algum trabalho em casa.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
7. Desenhar, escrever ou ler qualquer coisa.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
8. Comer ou beber.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
9. Andar à luta com alguém	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
10. Ficar furioso.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
11. Bater, atirar ou partir coisas.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
12. Implicar com alguém.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
13. Jogar um jogo ou fazer qualquer coisa do género.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
14. Rezar.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
15. Quando a culpa foi minha, pedir desculpa ou dizer a verdade.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
16. Dormir, fazer uma soneca.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
17. Falar comigo mesmo.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
18. Pensar acerca disso.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
19. Andar, correr ou andar de bicicleta.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
20. Ver TV ou ouvir música.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito
21. Gritar ou berrar.	Nunca	De vez em quando	Muitas vezes	A maior parte das vezes	Nunca faço isto	Não ajuda	Ajuda um bocadinho	Ajuda muito

## Anexo D

### *Autorização dos Autores para Utilização dos Instrumentos*

#### **INVENTÁRIO SOBRE A VINCULAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA (IPPA)**

##### Autorização do autor:



Isabel Maria Costa Soares <isoares@psi.uminho.pt>  
Para: Você

Critérios de cotação do IPPA... 22 KB  
Geraldes, Soares & Martins, ... 409 KB  
IPPA\_Lúcia Neves.pdf 139 KB

4 anexos (816 KB) Guardar tudo no OneDrive Transferir tudo

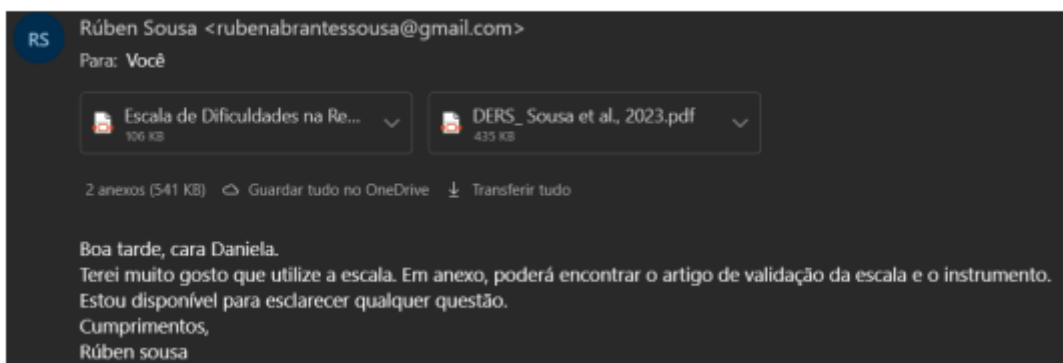
Olá Daniela

Agradeço seu interesse e dou permissão para usar o IPPA, incluindo a "versão para irmãos" de Geraldes, Soares e Martins. Em anexo seguem os materiais solicitados.

Felicidades  
Isabel Soares

#### **Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Adolescentes (EDRE-VA)**

##### Autorização do autor:



RS Rúben Sousa <rubenabrantessousa@gmail.com>  
Para: Você

Escala de Dificuldades na Re... 106 KB  
DERS\_ Sousa et al., 2023.pdf 435 KB

2 anexos (541 KB) Guardar tudo no OneDrive Transferir tudo

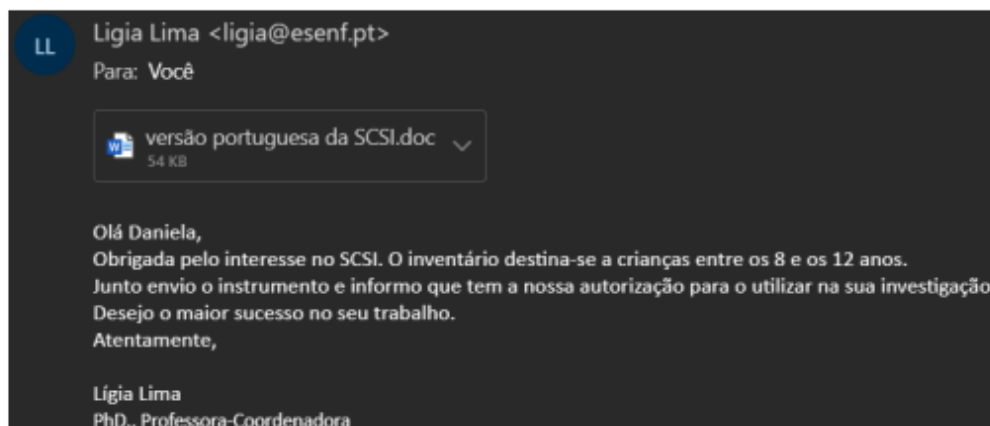
Boa tarde, cara Daniela.

Terei muito gosto que utilize a escala. Em anexo, poderá encontrar o artigo de validação da escala e o instrumento. Estou disponível para esclarecer qualquer questão.

Cumprimentos,  
Rúben souza

#### **Versão Portuguesa do Schoolagers' Coping Strategies Inventory**

##### Autorização do autor:



LL Lígia Lima <ligia@esenf.pt>  
Para: Você

versão portuguesa da SCSII.doc 54 KB

Olá Daniela,

Obrigada pelo interesse no SCSII. O inventário destina-se a crianças entre os 8 e os 12 anos. Junto envio o instrumento e informo que tem a nossa autorização para o utilizar na sua investigação. Desejo o maior sucesso no seu trabalho.

Atentamente,

Lígia Lima  
PhD., Professora-Coordenadora

## Anexo E

### *Carta de Aprovação da Comissão de Ética EGAS MONIZ*



EGAS MONIZ SCHOOL  
of HEALTH & SCIENCE

Comissão de Ética EGAS MONIZ

---

PT-420/23

Processo Interno nº 1354

Ex.ma Senhora

Daniela Alexandra Belo Nunes

Monte de Caparica, 27 de fevereiro de 2024.

Ex.ma Senhora,

Em resposta ao Pedido de Parecer que submeteu à apreciação da Comissão de Ética da Egas Moniz, com o tema denominado: **“Vinculação institucional em crianças e adolescentes: Desvendando as dificuldades na regulação emocional e os estilos de coping.”**, foi aprovado.

A Presidente da Comissão de Ética da Egas Moniz

Profª Doutora Cidália de Castro